

422
DEPÓSITO LEGAL
JUL 1942

MUNDO GRÁFICO



169



Uma linda
cabeça
de beleza
e juventude
iluminada
pelo
sol de Portugal

B. B. C.

A VOZ DE LONDRES
FALA
E O MUNDO
ACREDITA

Emissões em
Língua Portu-
guesa



12,45 noticiário.	{ 31,75 m. (9,450 kc/s)	23,00 noticiário.	{ 30,96 m. (9,690 kc/s)
	{ 24,92 m. (12,040 kc/s)		{ 31,55 m. (9,510 kc/s)
			{ 41,96 m. (7,150 kc/s)
			{ 1,500 m. (200 kc/s)
14,15 noticiário.	{ 13,86 m. (21,640 kc/s)	23,15 actualidades	{ 31,55 m. (9,510 kc/s)
14,30 actualidades	{ 31,75 m. (9,450 kc/s)		{ 41,96 m. (7,150 kc/s)
	{ 24,92 m. (12,040 kc/s)		{ 261,1 m. (11,490 kc/s)
			{ 1,500 m. (200 kc/s)

Sumário

O CASAMENTO DE D. CATARINA DE BRAGANÇA

de Rocha Martins

MARECHAL ARTHUR HARRIS, biografia

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»

REFLEXOS DO MUNDO

A SEGUNDA FRENTE

IMAGENS DA GUERRA

NO FUNDO DO MAR

O QUE VAI PELO MUNDO

MARINHEIROS DE PORTUGAL

LISBOA FOI «BOMBARDEADA»

AS ARMAS DA VITÓRIA

A R. A. F. ATACA

A POLÓNIA NA GUERRA

A UNIÃO SUL AFRICANA EM LISBOA, por S. Saboya

MANHÃ DE SOL

LISBOA PITORESCA

Fotos de J. Lobo

A U. S. A. DOMINA O PACÍFICO

O CEMITÉRIO DOS AVIÕES ALEMÃES

PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim

MENINA FÚTIL, novela de Aleixo Ribeiro

CINEMA, de António Lourenço



D. Felipa de Lencastre, princesa de Inglaterra, Rainha de Portugal, numa admirável escultura de mestre Leopoldo de Almeida

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



Use o material fotográfico

ILFORD

PELÍCULAS/CHAPAS/PAPÉIS

ILFORD  LIMITED
ILFORD LONDON

à venda nas casas de artigos fotográficos

O CASAMENTO de D. Catarina de Bragança

de ROCHA MARTINS

A 18 de Agosto de 1661, o Parlamento britânico tomava conhecimento da palavra de casamento dada por Carlos II à princesa D. Catarina de Bragança.

Por esse matrimónio se assentava no renovamento da Aliança em termos que salvavam Portugal e, mais ainda, impunha de novo ao Mundo o país há pouco liberto, depois de sessenta anos de cativo.

Vejamos o estado em que se encontrava a nação.

Os espanhóis não perdiam a idéia da reconquista; os seus exércitos atacavam as fronteiras do Alentejo, Minho e Beira; a resistência custava muito em ouro e vidas. Embora os portugueses tivessem demonstrado o seu valor repellido o inimigo, ainda era duvidosa a vitória final. Além disso, por toda a extensão dos domínios ultramarinos, os inimigos de Espanha iam pilhando como se Portugal ainda estivesse cativo e eles em

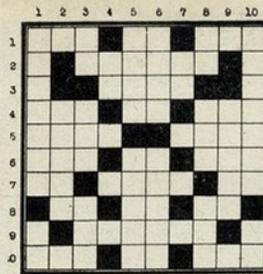
guerra com aquêlo país. Dificilmente se lhes arrancara o que tinham invadido e o seu exemplo atraía outras audácias. Se tinham parado os ataques não cessavam as ameaças. Apreciava-se a cessão de Tanger, velhas pedras tintas de sangue e douradas de legenda, que os ingleses levaram para os seus museus. Do mesmo modo se referia a entrega de Bombaim, que fazia, igualmente, parte do dote da noiva de Carlos II.

Tratava-se de território do qual os ingleses faziam a cidade maravilhosa mas tendo na época valôr muito diferente do actual.

Mais valia ofertar duas possessões, como presente nupcial, do que perder tôdas as outras e arriscarmo-nos à derrota total na luta com a Espanha.

A rainha D. Luiza de Gus-

(Continua na pág. 30)



PROBLEMA N.º 42

HORIZONTAIS

- 1 — Actuei; Campeão; Anel.
- 2 — APELIDO DO ALMIRANTE, COMANDANTE-CHEFE DA ESQUADRA AMERICANA DO PACÍFICO.
- 3 — Antiga composição dramática.
- 4 — Tem o costume; Prep. e artigo; Interjeição.
- 5 — Ave aquática brasileira; Remei para trás.
- 6 — Entregas; Nêste lugar; Casa de habitação.
- 7 — Atmosfera; Chupa; Batráquio.
- 8 — Abreviatura de «kilograma»; Interpretei o que estava escrito; Meu (inglês).
- 9 — Vegetal desprovido de esporos.
- 10 — Espaço de tempo; Carta de jogar; Indivíduo contra quem se intenta um processo judicial.

VERTICAIS

- 1 — Arruaça; Preposição.
- 2 — APELIDO DO ALMIRANTE, COMANDANTE-CHEFE DA ESQUADRA NORTE-AMERICANA NO ARTICO.
- 3 — Prefixo de negação; Lamentos; Fluido aeriforme.
- 4 — Dirigia-se.
- 5 — Mostra-se enfadado; Pecado.
- 6 — Situado; Benefício resultante de câmbio.
- 7 — Porco.
- 8 — Ala do exército; Língua que outrora se falava no Norte da França; Maior.
- 9 — APELIDO DO ALMIRANTE, COMANDANTE-CHEFE DAS FORÇAS NAVAIS AMERICANAS NA ZONA «ANZAC».
- 10 — Operária; Pronome pessoal.



(Solução do problema n.º 41)



CICLO ESTORIL



ALBERTO FERNANDES

Representante exclusivo no Estoril
das bicicletas **ZITTA**

BICICLETAS, ACESSORIOS E APARELHOS DE T. S. F.

Rua de Bicesse / Chalet Maria

Telf. 279 / Estoril

REFLEXOS DO MUNDO

Como morrem os heróis



O major Groffey Charles Tasker Keyes, morreu na Líbia, quando atacava o

quartel do General Rommel. Era filho do almirante Sir Roger Keyes, o herói de Zeebrugge.

Comandava um destacamento que foi lançado de avião a 250 milhas à retaguarda do inimigo.

Sem guias, numa região difícil conseguiu chegar ao objectivo que estava como é de calcular, bem guardado.

De rastros, ultrapassou as sentinelas, dirigindo-se à porta principal. Ao abri-la, não conseguiu, porém, dominar, em silêncio a sentinela, cujos tiros alvoraçaram os que se encontravam dentro do edifício.

Seguido por um oficial penetrou no primeiro compartimento, despejando a sua pistola e lançando granadas de mão.

Ao entrar na segunda casa, Keyes foi mortalmente atingido. Os seus companheiros trouxeram-no para o exterior, onde morreu minutos depois. O valeroso militar, por esta arriscada façanha de que não há memória nesta guerra, recebeu a Vitória Cross a título postumo. Diz a citação: «Desprezo destemido dos grandes perigos e coragem sem par. Magnífica chefia».

Keyes foi um exemplo de abnegação suprema...

O valor dos americanos



A 30 milhas da costa holandesa despenha-se no mar o «Hudson» do avião americano Hol-

broke Malin. No pequeno bote de borracha, Malin e dois dos seus camaradas, voam ao sabor das ondas.

Os dias passam. Os aviões continuam a cruzar o céu, de vez em quando surge ao longe a silhueta de um navio. Ningué os vê. De todos os lados, a morte espreguiça-se.

Na borda do bote, pousa uma gaivota que é para os famintos

nafragos, um maná caído do céu.

Passam mais alguns dias e os aviadores são recolhidos por uma vedeta torpedeira britânica. No fundo do bote encontraram-se os ossos e as pernas da gaivota, que foi comida crua.

Holbrook Malin salvou a vida. Os seus dois companheiros chegaram desfalecidos a bordo. A primeira coisa que Holbrook Malin fez, um dia depois de chegar a Inglaterra, foi voar sobre a Alemanha para vingar os seus camaradas. Voltou contente e sorridente.

Sobre Paris



místico.

Um «Beaufighter», do Comando Costeiro, pilotado pelo tenente A. K. Gatward, atravessou o Canal da Mancha, seguiu o curso do rio Sena e, pouco depois, avistava o perfil da Torre Eiffel. Voou sempre baixo, tão baixo que, várias vezes, passou sob os cabos de alta tensão.

Chegado a Paris o avião procurou o Arco do Triunfo, sobre o qual lançou uma grande bandeira Tricolor — aquela que enfrentou o inimigo no Marne. A bandeira tinha na extremidade um péso. Foi cair exactamente aos pés do soldado desconhecido, onde arde continuamente a chama da pátria — fogo sagrado que não morre.

O heroico avião dirigiu-se depois à Praça da Concorde, onde atacou o edifício do Ministério da Marinha, no qual os alemães instalaram o quartel general.

Os franceses livres

Morreu em combate o major Savet, comandante do 1.º batalhão de infantaria da marinha.

O major Savet era dominicano e sub-director do Instituto da

Simbólica e corajosa a homenagem que a R. A. F. prestou aos mortos franceses na guerra, no aniversário do Armistício.

sua Ordem no Cairo. Fôra mobilizado quando da campanha da Síria, ficando adjunto do director da 2.ª Repartição do quartel general de Weyssand.

Depois do armistício o Padre Savet escreveu:

«A minha consciência não me permite continuar junto de vós vou reunir-me aos franceses livres.» O coronel francês disse-lhe que «de todos os homens era o P. Savet o único que não tinha o direito de passar para as fileiras dos soldados livres, pois era o único que conhecia todos os segredos.» O padre dominicano replicou-lhe porém: — Eu sou padre e dei a minha palavra de honra. Nada me poderão perguntar por esses segredos.»

O Padre Savet foi promovido a capitão durante a campanha da Síria e após ela elevado a major, recebendo o comando dos fuzileiros de marinha.

Tinha apenas 30 anos. Serviu o seu Deus e a sua pátria e, no altar desta, foi imolado.

A Cidade da vitória



Londres que assombrou o mundo com a sua magnífica defesa aérea

vai aproveitar as feridas que recebeu do inimigo para se tornar mais bela, uma vez terminada a guerra. Reconstituída sobre novo plano, a cidade invencível, erguer-se-á em todo o esplendor da sua grandeza.

Foi já nomeada a Comissão que depois da guerra dirigirá essas planos de urbanização que foram confiados ao professor Leslie Patrick Abercrombie, de 73 anos, que, na Universidade de Londres, rege a cadeira de urbanismo.

Abercrombie terá a «auxiliá-lo



A R. A. F. ataca uma concentração de tropas japonesas no Extremo Oriente

Port Darwin

Port Darwin é uma nova ilha de Malta. O inimigo sobrevoa-a num desesperado esforço para abater o moral da população, mas o efeito é contra-productivo.

São frequentes as cenas de heroísmo entre homens cuja alma parece ser forjada do mesmo bronze dos seus canhões.



Nun ataque, particularmente vivo dos japoneses, as

bombas erguiam nuvens de fumo e poeira. Tombavam grandes passaros esventrados. Por acaso, foi atingido um posto de metralhadoras, comandado por um tenente. Os escumbros isolaram o comandante — e um sargento dos seus soldados. Estes encontravam-se separados.

Por quatro vezes, o tenente e o sargento atravessaram os escumbros escaldantes para saberem de todos os seus homens. Nem um só se perdeu.

E o combate continuou e mais aviões inimigos caíram.

A cura da febre Kala Azar



O professor Wanington York, da Escola de Medicina Tropical de Liver-

pool, anunciou a descoberta de um novo e importante medicamento sintético. Trata-se, essencialmente, de um processo de cura da febre Kala Azar, por meio de um composto de diamidinas sintéticas, desenvolvido pelo dr. Ewino, químico chefe da May Baker, que produzia o famoso medicamento anti-pneumónico M. & B. 693.

Não existia, outrora, cura para a Kala Azar sudanesa, porque esta variedade africana resistia ao tratamento de anti-mónio que é efectivo para a Kala Azar indiana.

O prof. York descobriu que os diamidinos são efectivos contra outras doenças, como a Babésia nos cães.

O nome científico do novo medicamento é 4, 4' — diamidino — stilbene.

MESMO COM OS OLHOS FECHADOS!

RECONHEÇO PELO SEU AGRADÁVEL SABOR E AROMA QUE É UM CIGARRO FEITO COM PAPEL DE FUMAR

Smoking



ARTUR HARRIS

OS bombardeamentos recentes que a R. A. F. tem realizado sobre algumas das principais cidades alemãs, centros industriais e regiões dos países ocupados, provocaram uma profunda impressão em todo o mundo. Essa impressão é perfeitamente justificada. Tanto como a demonstração de força oferecida à meditação de todos os povos, foram eles caracterizados por uma preparação minuciosa e cuidada.

Dessa tarefa se encarregou o marechal do Ar, Artur Travers Harris, chefe do comando dos bombardeiros da aeronáutica britânica, um dos oficiais mais competentes e distintos de sua arma que gosa, há muito, de uma sólida reputação nos meios militares do seu país e dos países aliados da Grã Bretanha.

O Marechal do Ar, Harris, tem actualmente cinquenta anos. Durante a última guerra, em que tomou uma parte activa, serviu como oficial, primeiro num regimento da Rodésia e depois no Royal Flying Corps. Feita a paz, continuou a servir na aeronáutica tendo acompanhado a evolução desta arma nas suas diversas fases.

Depois do início do actual conflito foi levado a desempenhar importantes missões militares em que a sua experiência e a sua competência foram postas brilhantemente à prova.

Em 1940 foi nomeado Chefe do Departamento Aéreo, e pouco depois, promovido por distinção a marechal do Ar e estando no comando dos bombardeiros onde a sua acção se tem afirmado.

O marechal do Ar Harris é uma das personalidades em quem a nação britânica deposita mais fundadas esperanças para a realização próxima de uma ofensiva aérea que muito pode contribuir para aprovar o desfecho da luta.

CRÓNICA INTERNACIONAL

Confusões a esclarecer

HÁ um certo número de confusões que é de tãda a vantagem esclarecer para compreensão exacta dos acontecimentos a que estamos assistindo. Esse esclarecimento necessário desviou, em linha recta, dos postulados que condicionam a fase actual do conflito.

Em primeiro lugar, devemos ter sempre presente que se trata duma conflagração mundial. Perante a sua extensão e o seu carácter exacto, os episódios decorridos num determinado sector de operações não podem ser encarados pelo seu aspecto puramente local. Precisam ser compreendidos no conjunto da luta e no panorama geral das relações internacionais por esta composta. O que se passa na frente africana encontra-se intimamente relacionado com o que se passa no Próximo Oriente e no Indico, com o que se passa na Rússia e no Oceano Arctico. Ao avanço do general Rommel corresponde a lentidão das operações na frente leste, a perspectiva duma campanha do Caucaso difícil, a permanência da volta de Murmansk livre, a suspensão da marcha japonesa em direcção a Ceilão e a Madagascar.

Em segundo lugar, precisamos não esquecer que estamos longe duma guerra de tipo nacional em que dois países se afrontam, com os seus recursos, perante uma plateia de espectadores indiferentes. A guerra total é, antes de mais nada, uma guerra de coligação. Reduzida a esta fórmula inicial, não são os povos que a inventaram os mais aptos para a fazer. Basta, para demonstrar esta verdade, cotizar o valor e a importância das unidades nacionais que compõem cada uma das coligações que procuram alcançar a vitória pelas armas. Praticamente, isto significa que são coroados todos os cálculos que se baseiam sobre a suposição de que estamos assistindo a um duelo anglo-germânico. O Reich defronta o bloco anglo-russo-americano. Desta verdade são prova concludente os acordos recentemente assinados entre a U. R. S. S. e a Grã-Bretanha, por um lado entre e a U. R. S. S. e os Estados Unidos por outro, bem como a incorporação na «Home-Fleet» de importantes forças navais norte-americanas que incluem unidades de linha.

Em terceiro lugar, a realidade das comunicações domina de longe todos os sectores e modela a fisionomia da luta.

Enquanto os elementos que constituem o bloco das nações unidas, mantêm, as suas comunicações, as potências signatárias do pacto tripartido estão separadas pela vastidão continental que se estende entre a cordilheira dos Urais e as margens do Pacífico Norte.

Será, por último, preciso recordar que a fase de guerra-lâmpago passou irremediavelmente? Que os seus mais fervorosos adeptos da primeira hora são dos primeiros a reconhecer que o Tempo interveio como um factor decisivo para o epílogo da luta? Dêsse tempo, no caso de que nos ocupamos, quere dizer recursos e possibilidades de transformar êsses elementos em meios de acção. Objectar-se-á que a França, sucumbiu em poucas semanas, a Noruega, a Bélgica, a Holanda e as nações balcánicas foram batidas também. Mas a batalha empreendida contra o Império Britânico, dura há dois anos, e a campanha da Rússia prolonga-se, contra tãdas as afirmações optimistas dos alemães O ataque a Pearl Harbour foi há sete meses e ninguém decerto se arrisca a proclamar que o Japão está prestes a bater os Estados Unidos. E' de acôrdo com estas previsões de ordem geral que é indispensável avaliar no seu verdadeiro significado e importância as conclusões de carácter particular.

O OBSERVADOR

O discurso de Salazar

O Times, o órgão mais importante da imprensa inglesa, dedicou ao último discurso do Presidente do Conselho, sr. dr. Oliveira Salazar, um editorial, no qual, fazendo o elogio da sua notável acção governativa, lhe dedica, entre outras, as seguintes palavras, de claro significado:

A Grã-Bretanha mostrou que está longe de ser indiferente, tanto às necessidades portuguesas de hoje, como às suas esperanças de amanhã. Portugal e as suas colónias podem estar seguros de que no Mundo novo após a guerra, terão o seu lugar próprio. Sob a chefia do seu presidente, o general Carmona, e do dr. Oliveira Salazar, construiu um sistema, por certo estranho à nossa própria política democráticas, mas que provou convir à convicção e temperamento hodiernos de Portugal. E' um sistema em evolução e a sua forma final ainda não se pode ver nitidamente. O que se pode dizer é que, não obstante algumas ligeiras e superficiais semelhanças, o salazarismo não tem nada de comum com o espírito do nazismo e do fascismo. Encontram-se nesta forma de autoridade que deu a Portugal a paz social e, antes da guerra grandes medidas económicas de bem estar, assim como deu grande valor à religião na vida nacional.

«A futura Europa, formada de diversos povos, encontrará lugar para muitos sistemas. Está de acôrdo com os fins da Carta do Atlântico, que cada Estado tenha um regime de sua escolha — enquanto esse regime não atente contra a segurança dos vizinhos»

Uma nova estrela

Os drs. D. L. Edwards e G. Alter, do Observatório Norman Lockyer, em Devon, Inglaterra, quando procuravam um planeta de ordem secundária, fotografaram uma área do firmamento, na constelação de Auriga, usando uma chapa sensível à luz vermelha, e encontraram um objecto até então inexistente nas cartas daquella região da esfera celeste. Verificou-se ser, não o planeta menor que procuravam, mas uma estrela variável, pouco distinta, de cor tão vermelha que cerca de citema e oito por cento das suas radiações são emitidas em ondas tão compridas que não influenciam a chapa fotográfica comum. Trata-se de uma das estrelas mais vermelhas e, portanto, das mais frias.

A temperatura da superfície do sol é de cerca de 6.000 graus centígrados, enquanto que a da nova estrela, XZ Aurigal, está compreendida entre 1.500 e 2.000 graus, isto é, sensivelmente a temperatura de fusão da platina. O seu espectro, obtido difficilmente, revelou linhas de absorção que devem ser de sódio e carbono.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de Mundo Gráfico, L^a

Redacção e Administração: **Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 25240**

Composição e Impressão: **Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira, à Estrela, 4 a 10 — Lisboa**

PAGINAÇÃO DE **ROMEU MARQUES CARDOSO**

Preço **1\$50**

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



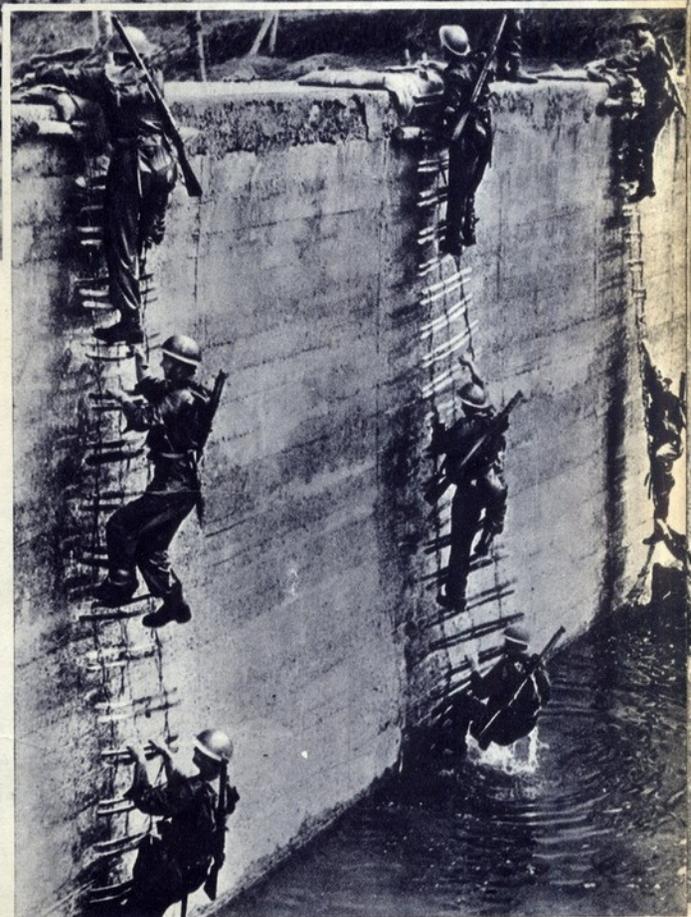
A guarda avançada do Exército americano

A SEGUNDA FRENTE

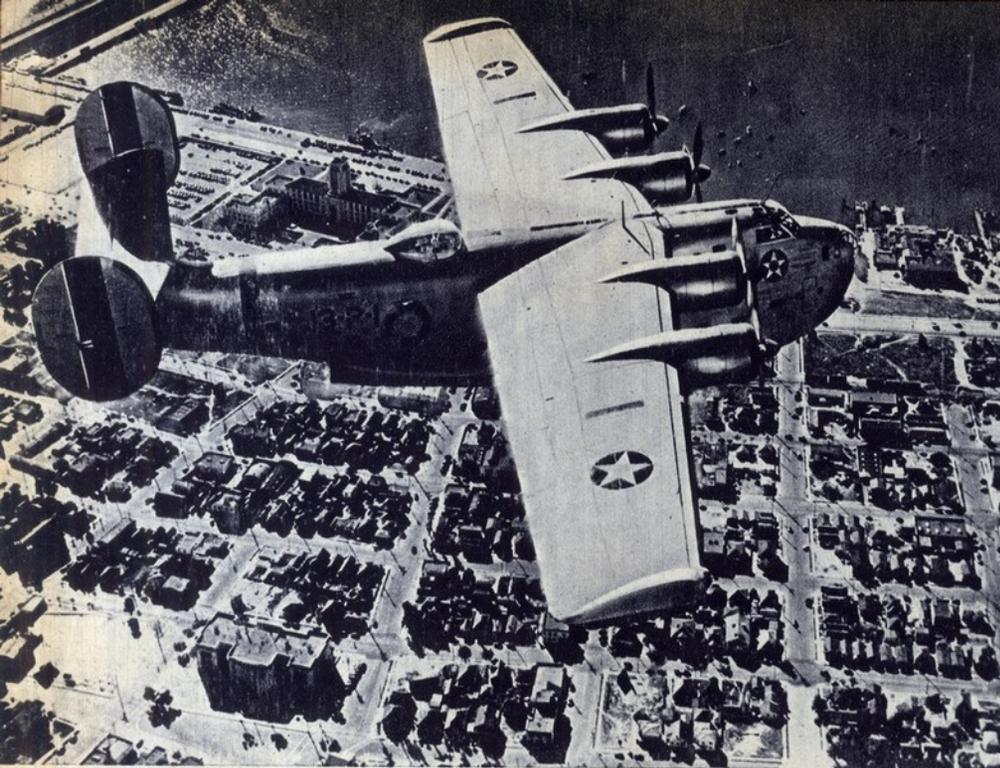
NO dia 11 de Junho o secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros levantou-se na Câmara dos Comuns para fazer uma declaração sensacional. "A Gran-Bretanha, anunciou, assinara duas semanas antes, a 26 de Maio, uma aliança formal com a U. R. S. S.. Nas conversações que se desenrolaram em Londres entre os peritos militares dos dois países ficara assente a criação, durante o ano de 1942, duma segunda frente de batalha na Europa". O sr. Eden acrescentou que na conversação idêntica realizada em Washington entre peritos militares russos e americanos fôra tomada uma decisão semelhante.

O Reich, na tradição de Bismarck, tem o horror das guerras de coligação. Sempre que surgiu a necessidade de dividir as suas forças, os alemães, cedo ou tarde, acabaram por sucumbir nas lutas que provocaram.

A Alemanha continua a não poder concentrar o seu poder militar integralmente na frente Leste. Há tropas alemãs no norte de Africa, batendo-se contra as forças do general Auchinleck e espalhadas pelos vários países da Europa, que vivem



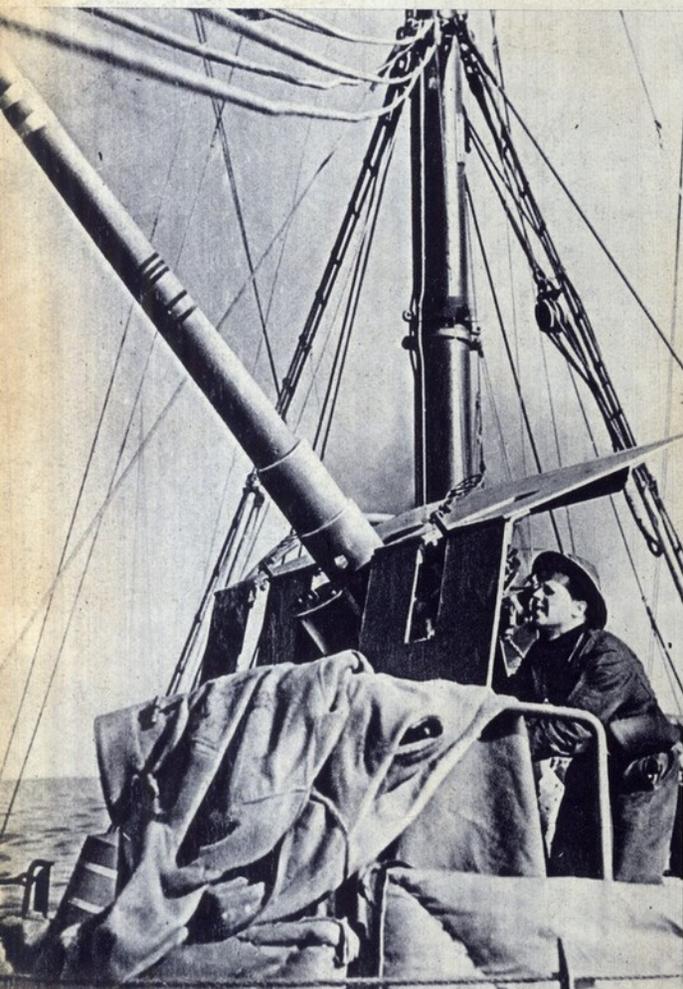
Nada é invulnêravel ao Exército britânico. É assim que se assalta um pôrto ocupado pelo inimigo



E milhares de fortalezas voadoras, tripuladas por ingleses e americanos, farão uma gigantesca cobertura para a passagem das tropas

na Rússia e no Mediterrâneo não está em condições de acorrer a todos os pontos onde a sua presença seria indispensável. Esta circunstância, dada a importância da arma aérea no presente conflito, pesa devidamente no conjunto da situação actual.

Mas os adversários do Reich julgam que se aproxima o momento em que haverá toda a conveniência, para apressar o termo das hostilidades, em oriar no continente europeu uma segunda frente. Os ingleses preparam-se para realizar um desembarque de consequências decisivas, auxiliados pelos americanos, de harmonia com as clausulas do tratado com a Rússia. Os americanos que, sem a perda dum homem ou dum navio, estão a ser transportados aos milhares para a ilha britânica e para a Irlanda do Norte, mostram-se entusiasmados com essa ideia. As forças militares britânicas totalizam neste momento cerca de quatro milhões de homens. O exército dos Estados Unidos atinge a mesma cifra antes do fim do corrente ano. A conquista do espaço aereo e a utilização da tonelagem mercante disponível são as condições prévias do êxito dessa operação. É para os realizar que em Londres e Washington se trabalha incansavelmente. As realizações do passado, tanto por parte dos ingleses como dos americanos, o valor formidável da potência industrial e militar dos dois países são a garantia de que a tentativa será rodeada de todos os elementos que possam garantir a sua eficácia.



Os raros aviões inimigos que possam aparecer, serão assim repellidos

actualmente em regime de ocupação, numerosos contingentes militares alemães cujo concurso seria valioso na frente Oriental. No domínio naval, especialmente no domínio aéreo, essa dispersão fez-se sentir de maneira mais premente. Os "raids" da aviação britânica recentemente realizados contra algumas das principais cidades do oriente e do norte da Alemanha tiveram, por parte da Luftwaffe, uma reacção fraquíssima. A aviação germano-italiana concentrada

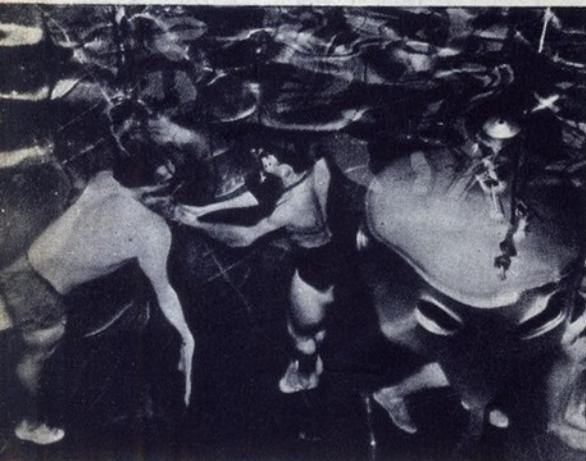


Após o "desembarque". O inimigo, apanhado de surpresa, foi expulso das suas posições

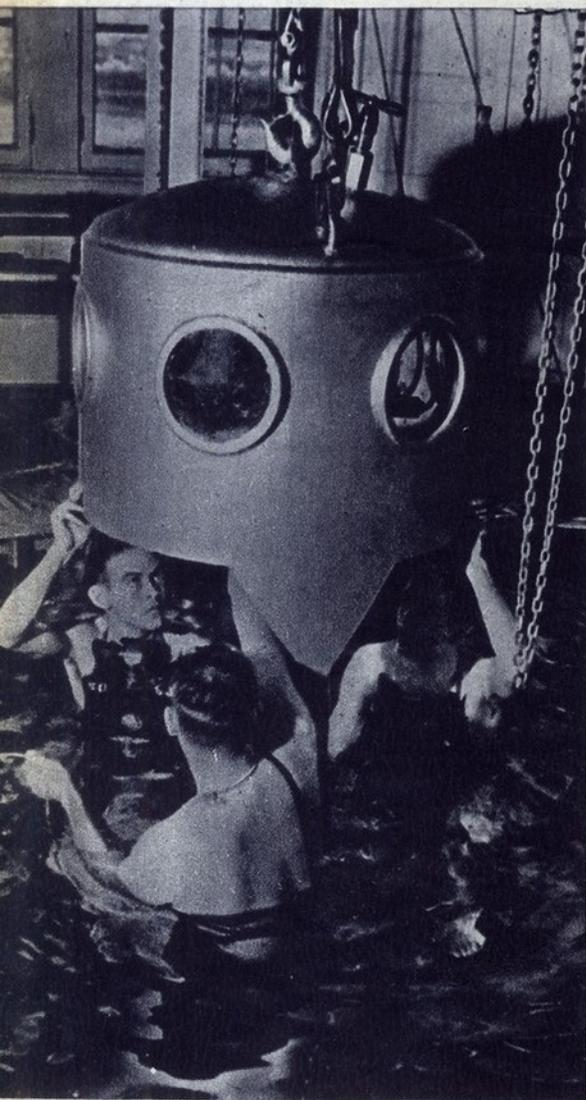


IMAGENS DA GUERRA

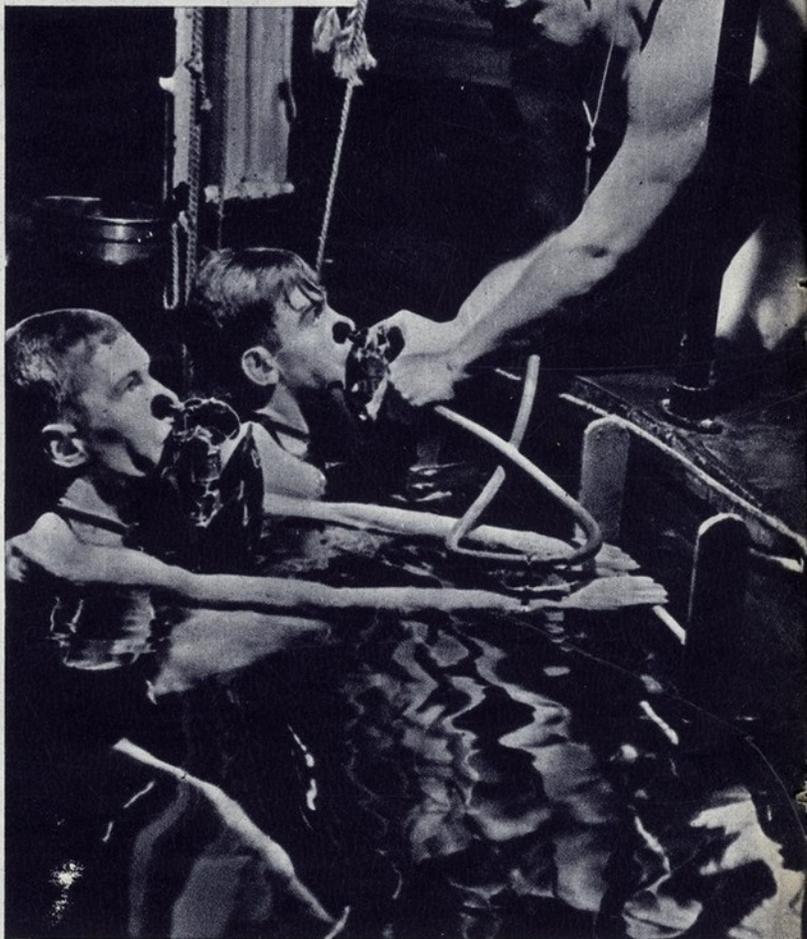
NO FUNDO DO MAR



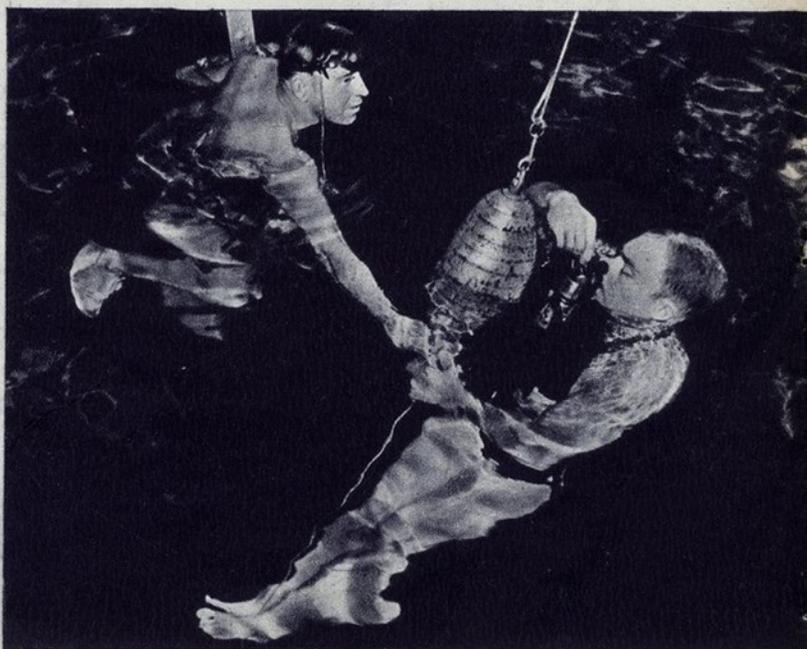
Sôbre a plataforma do submarino a equipa de salvamento coloca a campânula de evacuação, através da qual sai tôda a tripulação do submersível



No tanque de ensaio, as equipas especializadas em salvamentos de submarinos, munidos dos aparelhos de respiração artificial, observam especiais cuidados na aplicação das campânulas



As tripulações dos submarinos dispõem hoje de processos de salvamento ensaiados com óptimos resultados. Em tanques especiais, os marinheiros recebem um treino adequado, aplicando aparelhos de respiração artificial.



O "náufrago", respirando pelo pulmão artificial, é auxiliado na subida por uma boia

O QUE VAI PELO MUNDO



Após um ano de acções vitoriosas, o submarino inglês "Thunderbolt", do comando do tenente Crouch, regressa à base. A sua heróica tripulação mostra, sorridente, o seu pavilhão de guerra, em que estão inscritas as derrotas infligidas ao inimigo



O Rei Jorge de Inglaterra, chefe supremo da maior esquadra do mundo, passa revista à tripulação durante uma visita ao couraçado "Duke of York",



O bom-humor dos aviadores da R. A. F. na fuselagem de um "Hurricane". Uma legenda de espírito



Um tanque americano "Grant", junto de um blindado alemão capturado num dos teatros de guerra



A organização da defesa contra aeronaves torna invulneráveis as cidades da Gran-Bretanha. Estes balões cativos são perigosos inimigos dos aviões alemães

MARINHEIROS DE PORTUGAL

PODE afirmar-se que o mar é a constante fascinação dos portugueses. E' no mar que uma grande parte da grandeza de Portugal se reflete em feitos heroicos e inesquecíveis da nossa História.

A alegria do mar não é apenas um motivo cantante para devaneamentos poéticos. Ela existe, de facto, na nossa prometedora mocidade.

E' exemplo do que afirmamos, a obra admirável criada pelo Estado em Vila Franca de Xira, e que se patenteia, exuberantemente, no ensino técnico, na camaradagem, no

sentido alegre, animoso, dos jovens alunos da Escola de Marinheiros.

O seu comandante, o ilustre oficial sr. Sousa Cunha, é tido, pelos futuros «heróis do mar», não por um mestre rispido, frio, inacessível; mas, sim, por um amigo, sem deixar de merecer o respeito, que a sua patente, competência e disciplina merecem justamente.

Os alunos, mocidades que raro vão além dos dezasseis anos, são all proficientemente educados para os trabalhos complexos e, às vezes, arriscados, da carreira a que se dedicam.



É assim que se fazem marinheiros. Os obstáculos mais difíceis não os detêm. Armados e equipados, estes alunos-marinheiros constituem a futura infantaria de marinha



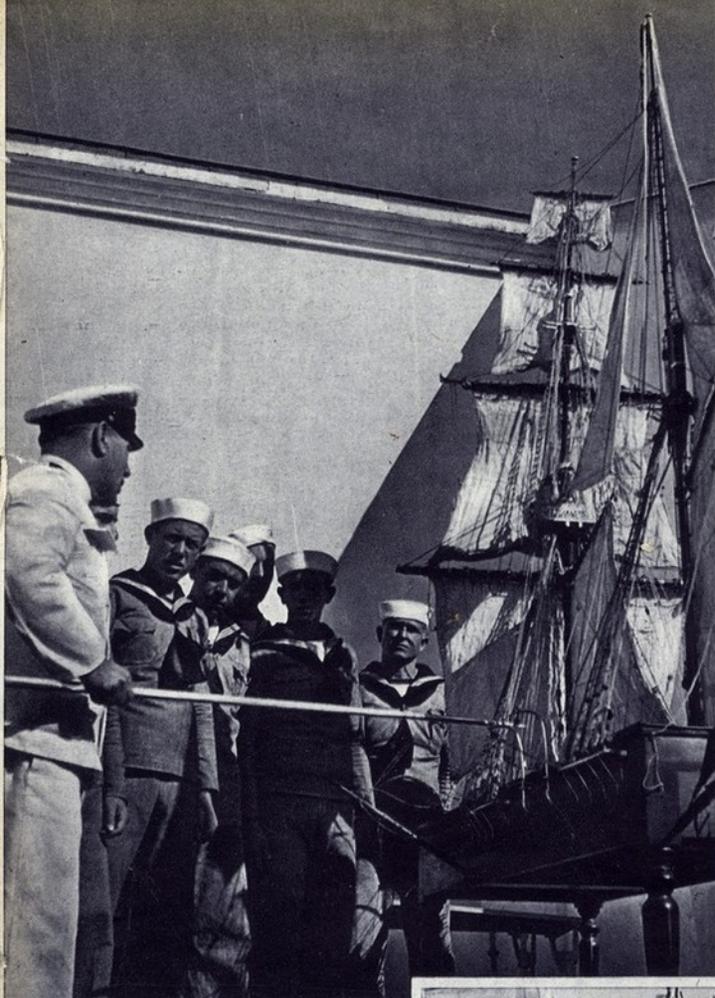
Um pelotão de infantaria de marinha sai da trincheira e carrega sobre o "inimigo,"



Vivem como a bordo dos navios de guerra. No "convés", põem a roupa lavada a enchugar



Uma esquadra de metralhadoras em posição de fogo. O remuniçador avança com a caixa de carregadores



A arte de navegar. O instrutor explica a complicada estrutura de um veleiro

Tudo quanto é da ciência da marinharia ali os alunos aprendem e praticam com um admirável amor patriótico, uma alegria transbordante, uma inexgotável boa vontade.

Hoje são assim: — Obedientes, compreensivos, e dedicados. Amanhã, juntarão a essas virtudes a bravura que dos seus antepassados herdaram.

Mas, perguntará o leitor, dado a naturais curiosidades, em que consiste a Escola de Marinha?

O tema é completo e a nós apenas nos compete esboçá-lo em algumas notas de reportagem.

Pois, caro leitor, é digna de fazer-se uma visita à Escola — se para tal a obtenção não fôr difícil.

Os alunos ao cabo de algum tempo saem aptos para cumprir todos os seus deveres de marinheiros.

Fazem esgrima de baloneta, exercícios e estudo de sinalização, aprendem tecnologia sobre velame, construção naval, manejo de armas, a entretecer cordame e, como a vida a bordo fica entregue aos marinheiros, estes também nas horas de menos labor, tem necessidade de se ocupar de si. Isto é: de cuidar do fardamento, circunstancia imprescindível para que o público diga com orgulho: «São irrepreensíveis de asseio os nossos marujos».

E o povo é sempre justo nos seus comentários.



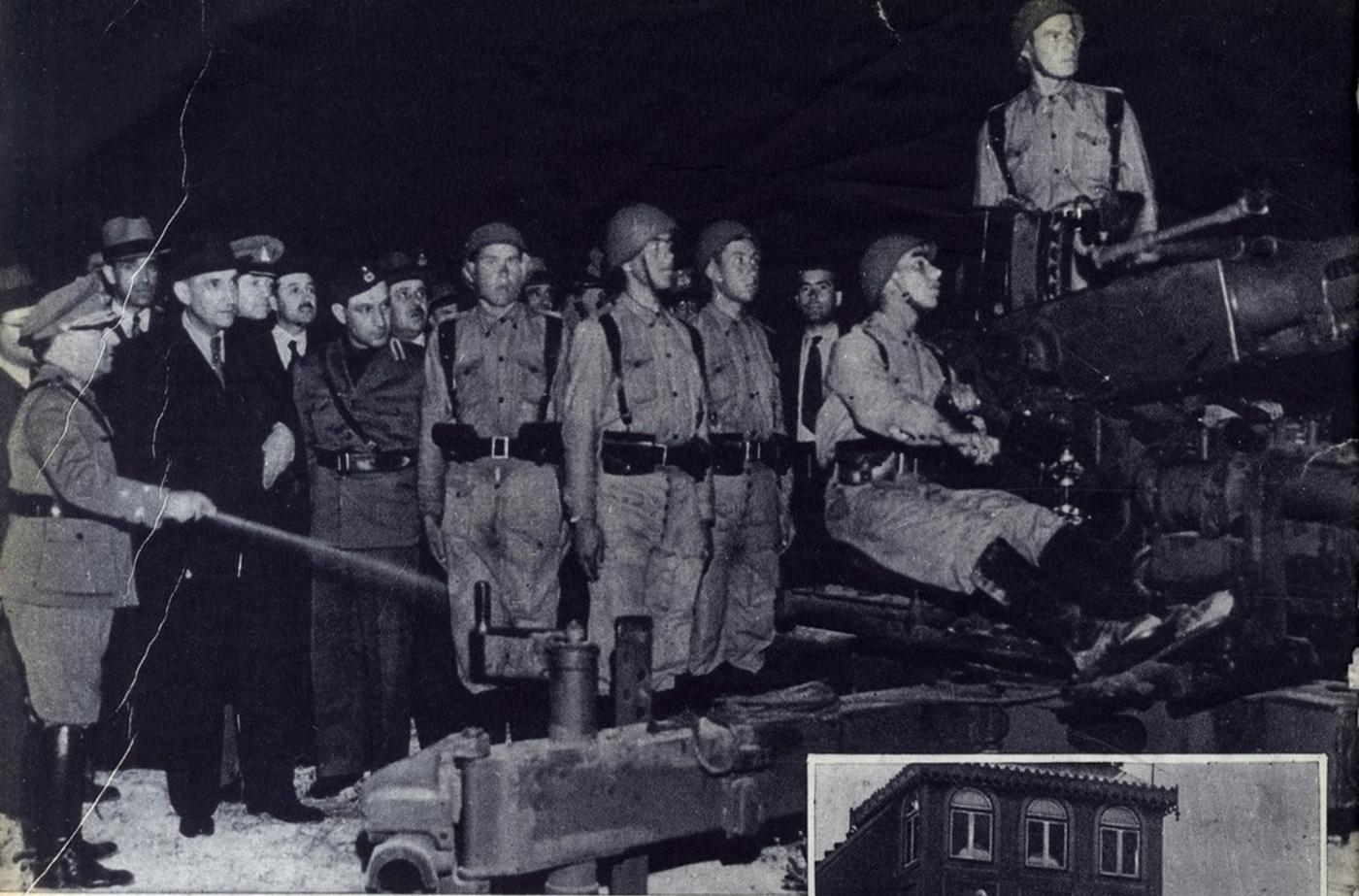
Uma "abordagem". Arma "ao alto", os marinheiros saltam impetuosamente para bordo da unidade "adversária."



Sinaleiros. Os alunos aprendem a transmitir as letras do alfabeto com sucessivas posições das bandeiras



Uma formação impecável. Armas alinhadas, cabeças erguidas marcialmente e gestos energicos. Marcha assim a Marinha portuguesa



Os srs. Presidente do Conselho, dr. Costa Lete (Lumbrales), presidente da Junta Central da Legião Portuguesa, e outros membros do Governo, ouvem as explicações do sr. general Anacleto dos Santos, inspector dos exercicios, junto de uma peça anti-aérea

LISBOA FOI "BOMBARDEADA"



No telhado de um hospital havia esta grande cruz vermelha



Num ponto estrategico indicado pelo comando, a guarnição de uma metralhadora anti-aérea faz fogo sôbre um bombardeiro «inimigo»



Um dos potentes projectores da Defesa Terrestre Contra Aeronaves prescreta o ceu para enquadrar os aviões



Os monumentos foram cuidadosamente protegidos com uma espessa camada de sacos de areia. No cais de Sodré, a estátua de Duque da Terceira oferecia este aspecto

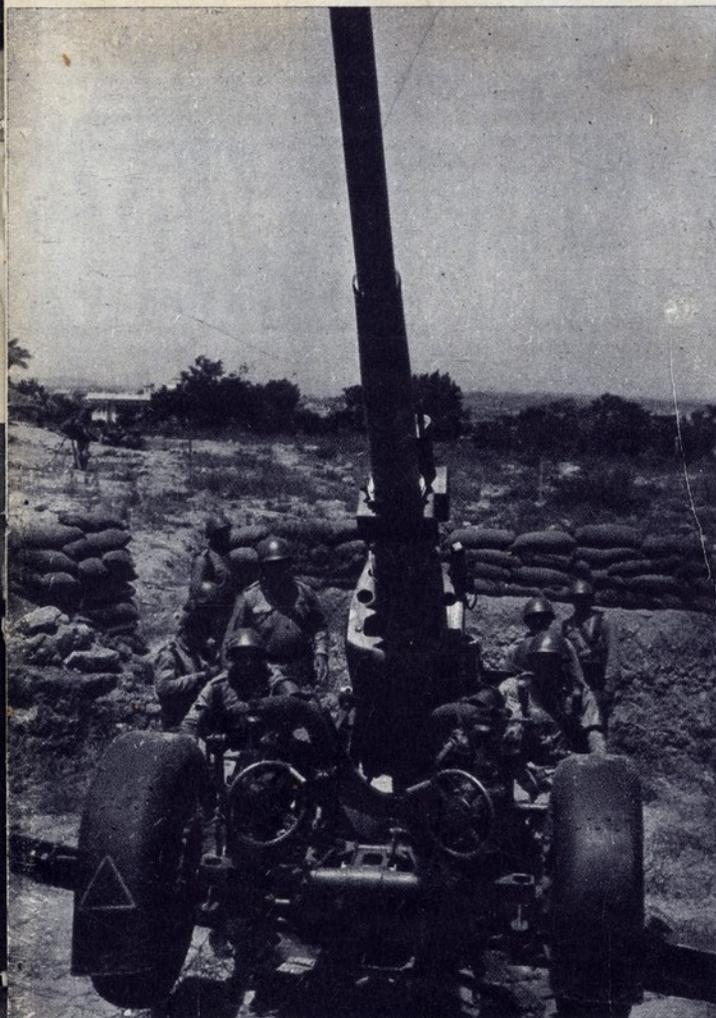
Os exercícios de defesa contra ataques aéreos, organizados pelo Exército com a colaboração da Legião Portuguesa, sob o comando superior do sr. coronel Holbeche de Freitas, por nomeação do Governo militar de Lisboa, e do sr. tenente coronel Coutinho e Castro, comandante distrital da Legião Portuguesa, que abrangeram toda a cidade e uma parte das regiões circunvizinhas, mostraram não só o valor dos elementos de defesa activa e passiva, como o espirito de disciplina da população, colaborando ac-

tivamente com as forças militares e legionárias num alto sentido patriótico e de compreensão de deveres cívicos.

Todos os serviços espalhados pela área de exercicios, controlados pelo comando em comunicação directa com elles, evidenciaram a sua eficiencia, acorrendo rapidamente onde se produziram simulacros de incendios ou destruições, dominando-os rapidamente. Os socorros nunca se fizeram esperar, demonstrando a sua impecável organização.



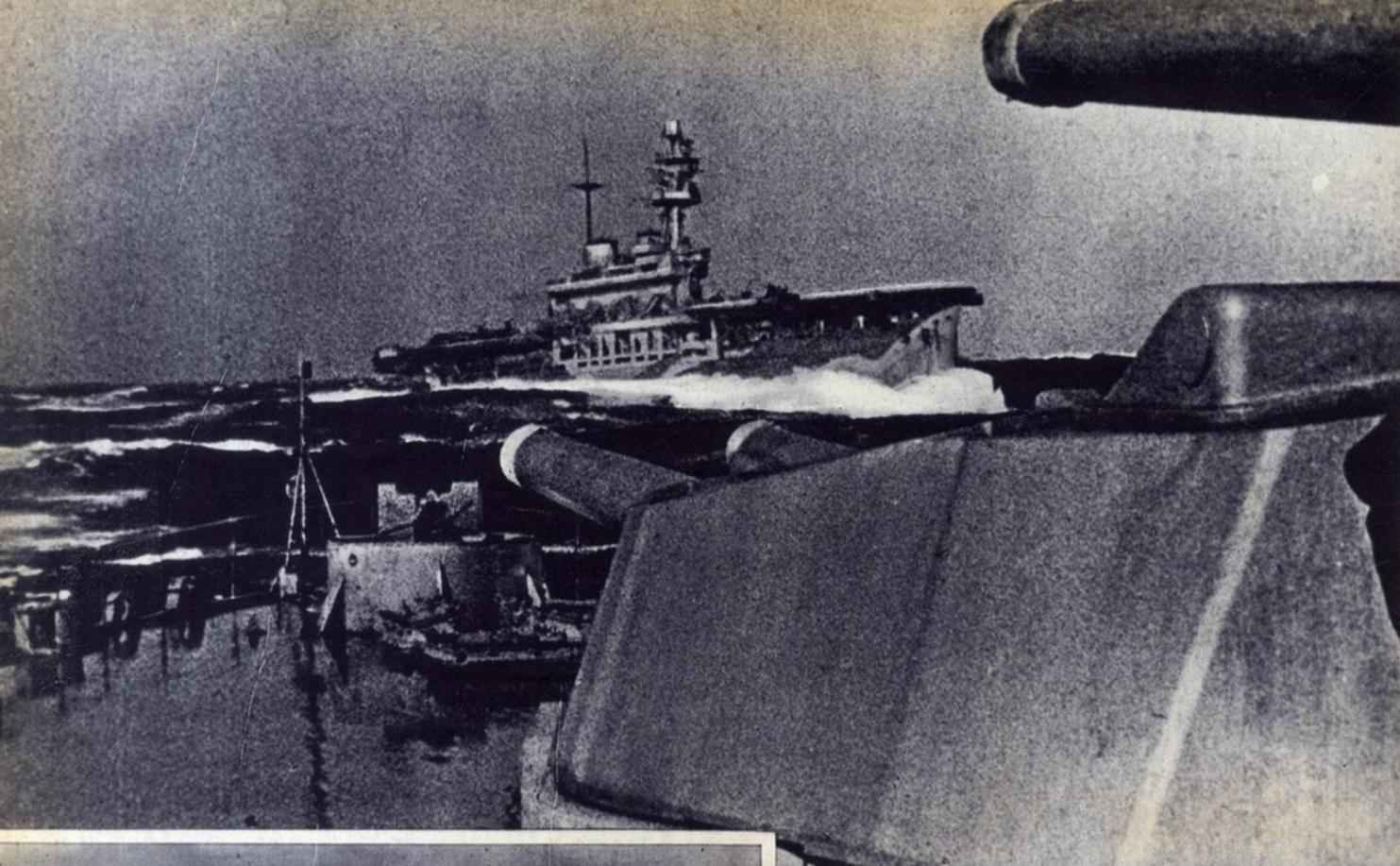
Lisboa, durante o sinal de alerta na noite de segunda para terça feira oferecia este aspecto magnifico. Na cidade, às escuras, apenas se recortavam, no ceu, os focos dos projectores



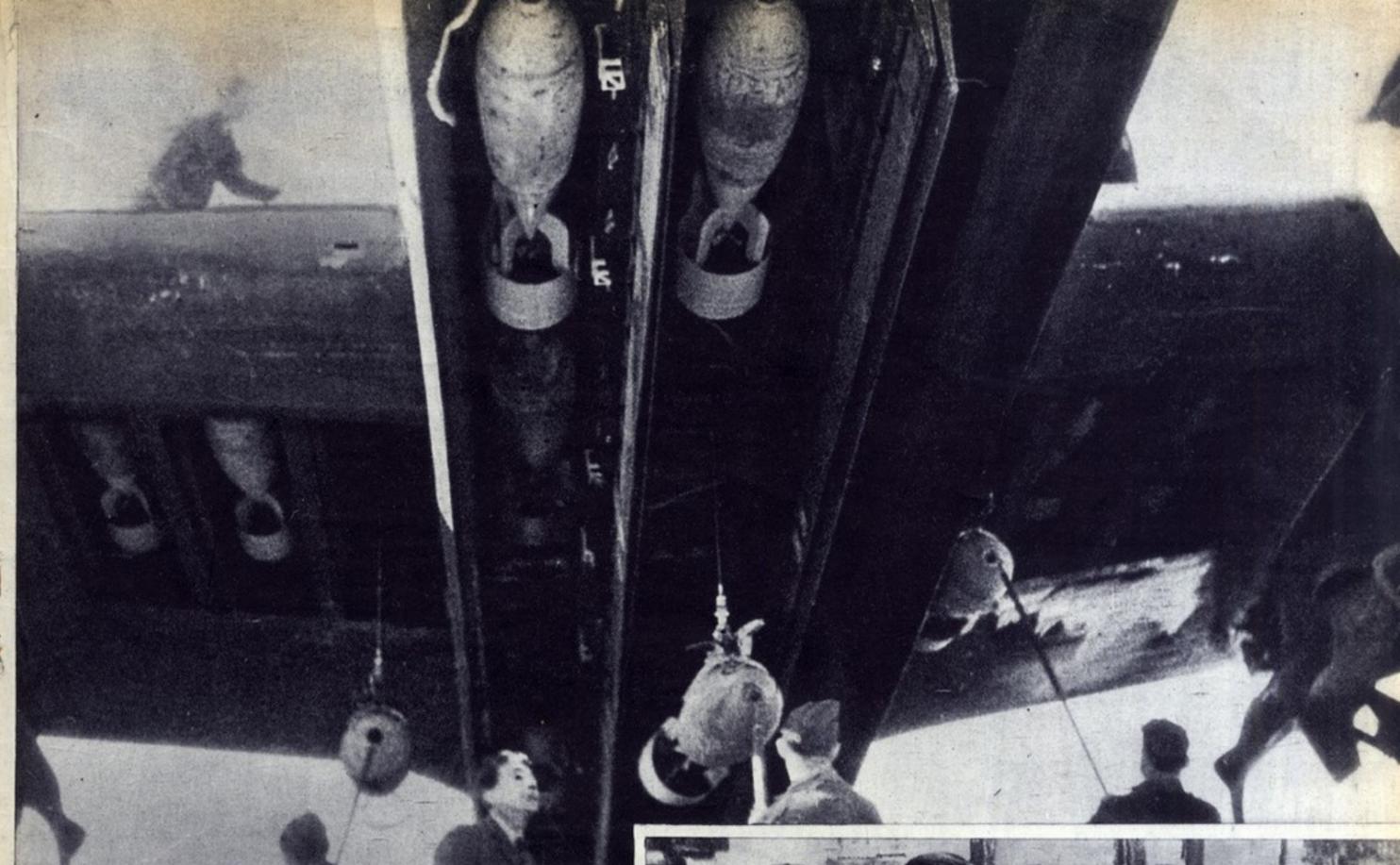
Uma das peças anti-aéreas que tomou parte nos exercicios está preparada para a voz de fogo. Os elementos de tiro são rigorosamente transmitidos à arma



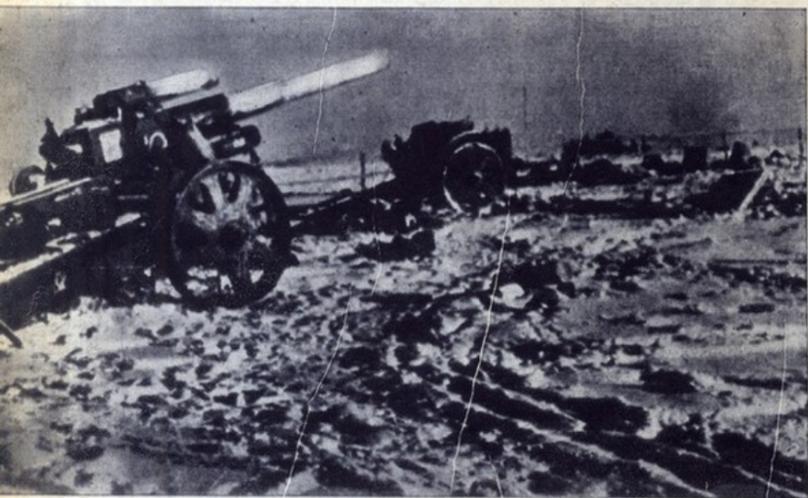
A entrada do posto-modelo de socorros instalado no Instituto Pasteur de Lisboa



Por todos os mares se vêem estes formidáveis colossos das Armadas britânica e norte-americana. Sob os canhões de um couraçado inglês, prepassa magestoso um porta-aviões



São estas que caem no coração da Alemanha. Na fuselagem e nas asas de um "Stirling", são içadas estas potentes bombas cujo número multiplicado por mil aparelhos, arraza uma cidade

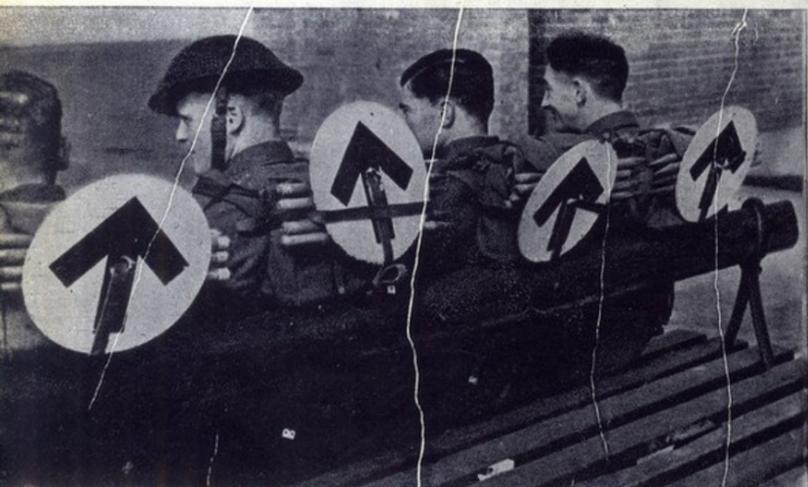


Mais navios. Centenas de navios. Milhares de navios. A América responde com a sua gigantesca indústria naval ao desafio do "eixo."

AS ARMAS DA VITORIA



Prisioneiros alemães aguardando o momento de serem conduzidos para um campo de concentração



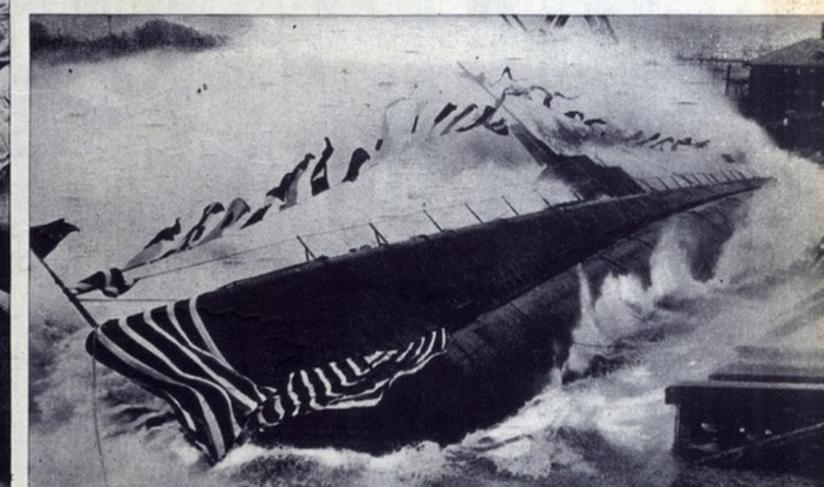
Beaverbrook declara: "a segunda frente será a derrota da Alemanha". Fizeram-se os últimos preparativos para o estabelecimento dessa linha. Uma curiosa fotografia de um grupo de "comandos", com placas de sinalização para estradas da guerra



As barragens de artilharia "inimiga" não detêm o avanço da infantaria britânica. Este curioso exercício feito com fogos reais demonstrou a temeridade dos soldados ingleses

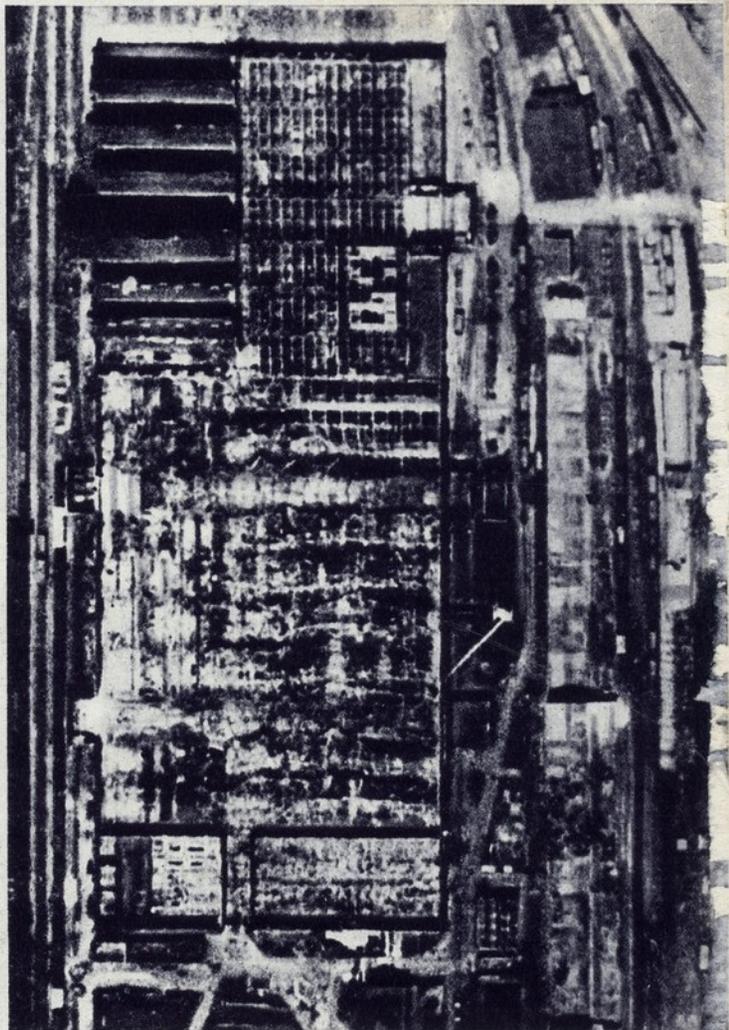
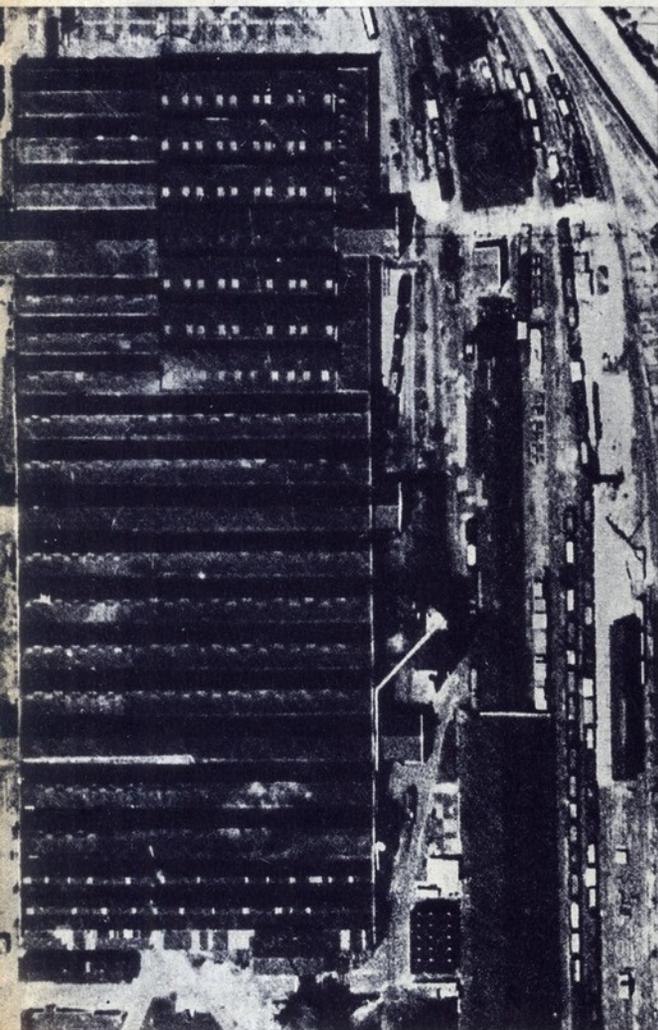


Nova indumentária de guerra. Os artilheiros ingleses usam estes equipamentos para as regiões montanhosas, o que lhe dá uma maior liberdade de movimentos e resistência às intempéries



Material alemão abandonado no teatro da guerra. Estes canhões emudeceram para sempre, assinalando, pela sua posição, que os soldados nazis foram obrigados a retirar

A R. A. F. ATACA

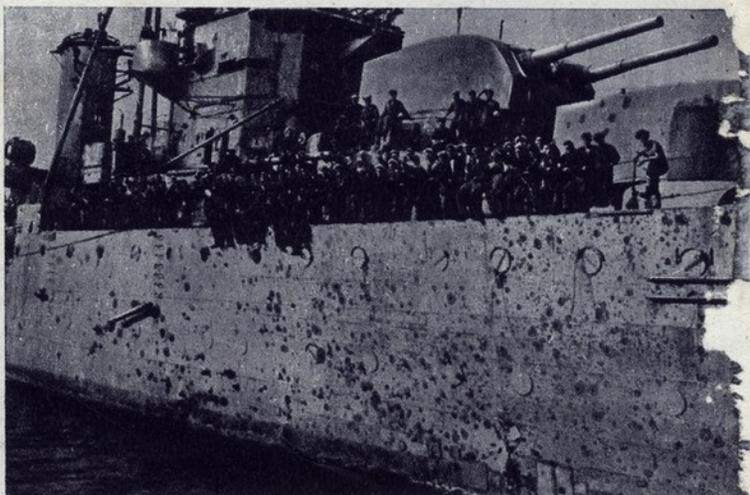


Dois documentos que revelam a excepcional precisão dos bombardeamentos da R. A. F. Os visores utilizados pelos pilotos ingleses, cujas características se mantêm em segredo, permitem alvejar, a qualquer altitude, todos os objectivos. Em Colónia, os mil e duzentos aparelhos ingleses que realizaram o maior ataque aéreo desta guerra, destruíram,

sistematicamente, todos os objectivos previstos. A primeira fotografia antes do bombardeamento, mostra uma importante fábrica de material de guerra inimiga, cuja importância se pode avaliar pela densidade de linhas férreas; a segunda revela flagrantemente a sua destruição total



A assinatura do tratado de aliança anglo-russo, pelos ministros dos Negócios Estrangeiros dos dois países na presença do primeiro Ministro inglês Winston Churchill



O glorioso cruzador "Penelope", que em Malta foi atacado repetidas vezes pela aviação do "eixo", Dirigiu-se depois a Gibraltar, sendo no trajecto novamente atacado e fazendo sempre fogo, de tal maneira, que os seus canhões anti-aéreos se desgastaram. Os seus marinheiros sorriem com orgulho, mostrando os sinais dos projectéis inimigos no seu invencível navio

A POLÓNIA NA GUERRA

O governo do general Sikorski, apoiado pelo sentimento unânime da nação polaca, tem podido realizar actos da maior transcendência política: assinatura dum acôrdo com a Checoslováquia para a constituição duma declaração que se destina a estabilizar definitivamente as condições de vida na Europa Central e nos Balcans, assinatura dum acôrdo com a U. R. S. S., implicando o reconhecimento dos direitos tradicionais da Polónia; adesão à Carta do Atlântico; assinatura do pacto de Washington de 1 de Janeiro d'êste ano.

Simultaneamente, o chefe do governo polaco, cuja sede é em Londres, tem realizado importantes viagens de carácter político. Esteve nos Estados Unidos, no Canadá e na Rússia, onde conferenciou com os principais dirigentes d'êstes países e onde realizou acôrds de carácter económico e militar, de incontestável importância.

Esta actividade traduz-se, desde já, numa colaboração activa prestada pelos polacos às nações em luta com as potências signatárias do pacto tripartido. A constituição, na Rússia, do corpo de voluntários polacos do comando do general Anders completou o recrutamento intensivo feito entre os naturais da Polónia residentes no estrangeiro ou que conseguiram refugiar-se no estrangeiro depois do início das hostilidades. As unidades da armada polaca que puderam juntar-se às esquadras dos aliados têm prestado excelente serviço. A epopéia do «Orzel» ficará como uma das páginas mais brilhantes na história desta guerra. Os aliados polacos, que se distinguiram no céu de Londres, durante a batalha aérea de

(Continua na pág. 30)



Centenas de milhar de soldados polacos batem-se heróicamente ao lado da Inglaterra e dos seus aliados pelo ressurgimento da pátria. O primeiro ministro polaco, general Sikorski durante uma parada na Gran-Bretanha



O glorioso exército polaco reorganiza-se nos territórios aliados. Uma formação de infantaria que se encontra na Pérsia

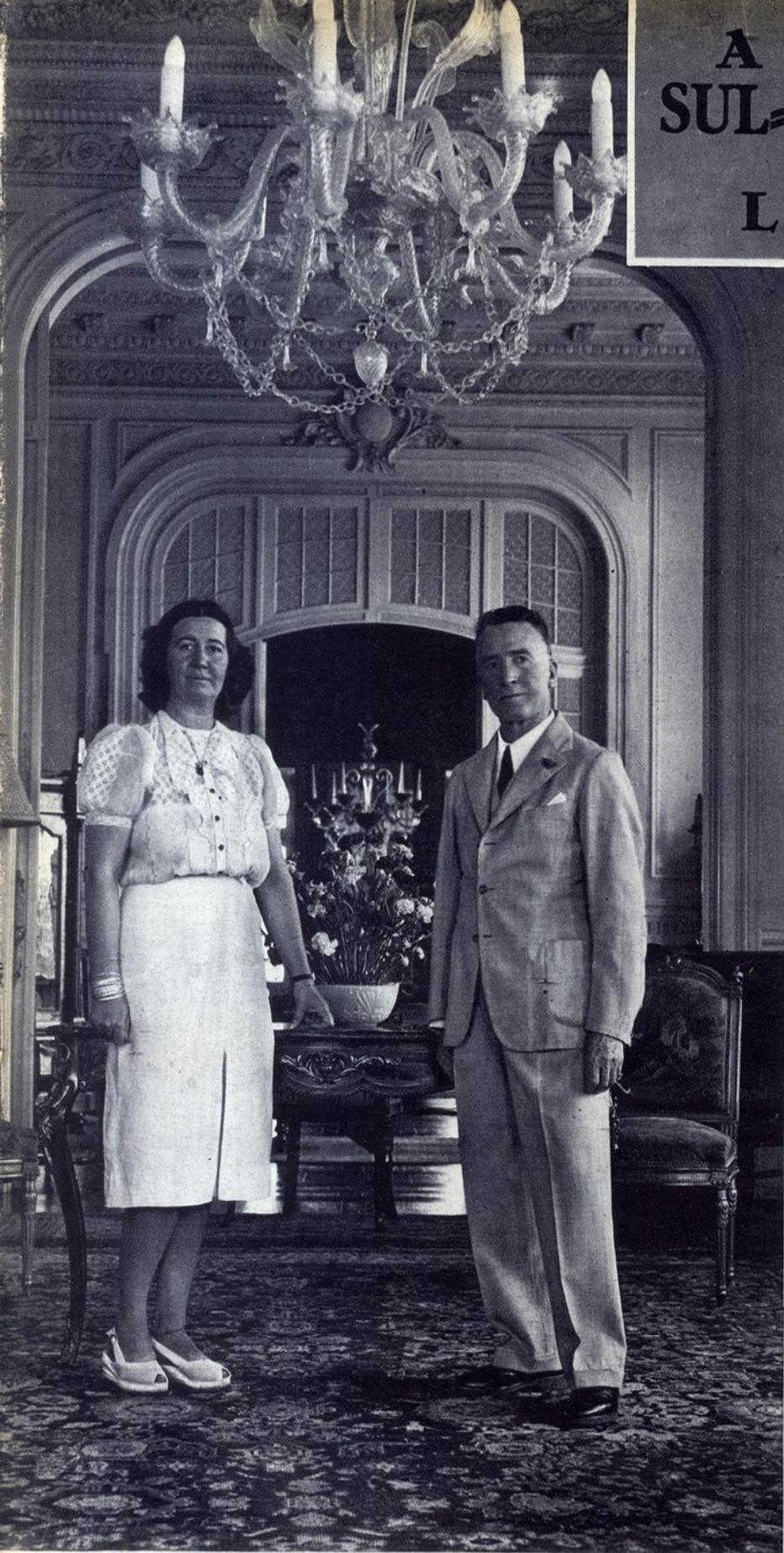


Os novos exércitos da Polónia que se batem pela libertação da pátria invadida, dispõem agora de material moderníssimo. Uma formação de tanks, na Inglaterra



As forças do general Sikorski dispõem de um corpo de paraquedistas que, na Gran-Bretanha, receberam uma intensiva preparação militar. Ei-los em posição fazendo fogo de metralhadora

A UNIÃO SUL-AFRICANA EM LISBOA



A União Sul-Africana ocupa, entre os mais ricos e progressivos domínios da Gran-Bretanha, um dos mais destacados lugares, sentindo-se justamente orgulhosa pela sua extraordinária e vertiginosa carreira de poucos anos para enfileirar, por direito de conquista, a par dos mais civilizados e modernizados países. Inundando o Mundo inteiro com o ouro e os diamantes que o seu sub-solo alberga em quantidades prodigiosas, a União Sul-Africana tem uma civilização moldada em princípios muito seus, adequados ao seu território, à sua maneira de ser que nada tem de comum com os outros povos. Esse esplêndido Domínio britânico, formado, em fim de Maio de 1910, pela reunião das antigas colónias autónomas do Cabo, do Natal, do Transvaal e do Orange, logo em 1914, durante a Grande Guerra, deu precioso e valeroso contributo às nações aliadas de então, marchando firmemente ao lado da Inglaterra e enviando os seus filhos para as frentes de batalha, onde verteram heroicamente o seu sangue. E agora, na actual guerra que ensanguenta o Mundo, a União Sul-Africana não se demorou a dar uma efectiva e brilhante colaboração à causa por que se bate a Mãe-Pátria, a Gran-Bretanha, à qual presta o mais decidido concurso, tanto enviando poderosas formações militares para as diversas zonas onde os combates atingem mais cruéis proporções como fabricando, em ritmo acelerado, toda a espécie de armamentos.

Curioso é que, enquanto se consagram, ardorosamente, ao fabrico de material de guerra, não apenas para as suas formações em luta, mas ainda, para aumentar, mais e mais, os enormíssimos «stocks» da Inglaterra, os sul-africanos, reconhecendo que o grande nervo da guerra, o que a todos sobreleva, é o ouro, não deixam de manter a laboração das suas inesgotáveis minas auríferas e de diamantes.

Por este brevíssimo relato da posição que a União Sul-Africana ocupa, junto das Nações que, com a Inglaterra, se batem em todos os campos, cumpria-nos, como indeclinável dever, conversar um pouco com o ilustre Ministro daquele poderoso Domínio em Lisboa, o sr. tenente-coronel F. F. Pienaar, que, na Guerra de 1914-18, foi um dos mais bravos combatentes, obtendo, pelos seus feitos heróicos, as mais honrosas distinções. Diplomata distintíssimo, «causeur» encantador, proporcionou-nos, no magnífico palácio onde reside, uma hora de delicado prazer espiritual.

O sr. Pienaar, que, na Sociedade das Nações, foi o delegado permanente do seu país, tem-se integrado tão firmemente na vida portuguesa que fala, assim como Sua Espósa, com grande correcção, a nossa língua, expressando-se com facilidade deveras notável. E, ao falar-nos da sua pátria, com o entusiasmo bem justificado em quem a ela ofereceu, corajosa e nobremente, a vida, frisou-nos, com acentuado interesse, a sua satisfação por saber que o sr. dr. Vieira Machado, nosso Ministro das Colónias irá, em breve, visitar, pela segunda vez, a Africa do Sul.



Depois do banho. O sol sabe bem. Enxuga o corpo e vai tatuando a epiderme com as suas negras carícias



MANHÃ DE SOL

O mar chama por nós, num largo, insistente e amável convite de frescura, oferecendo-nos a sua imensidão glauca para que nos libertemos da perseguição do calor. Obedecemos-lhe, pois, mas sem hesitações. Fora com

os fatos pesados, os vestidos compridos, a indumentária asfíxiante. Corramos para as praias, apenas com os nossos «maillots», e lancemo-nos, paradisiacamente na desafogada piscina oceânica, onde apetece passar, alegremente, o verão.

Estão já bem tentadoras, do Minho ao Algarve, as nossas praias,

(Continua na página 29)



Um maillot conforme os regulamentos



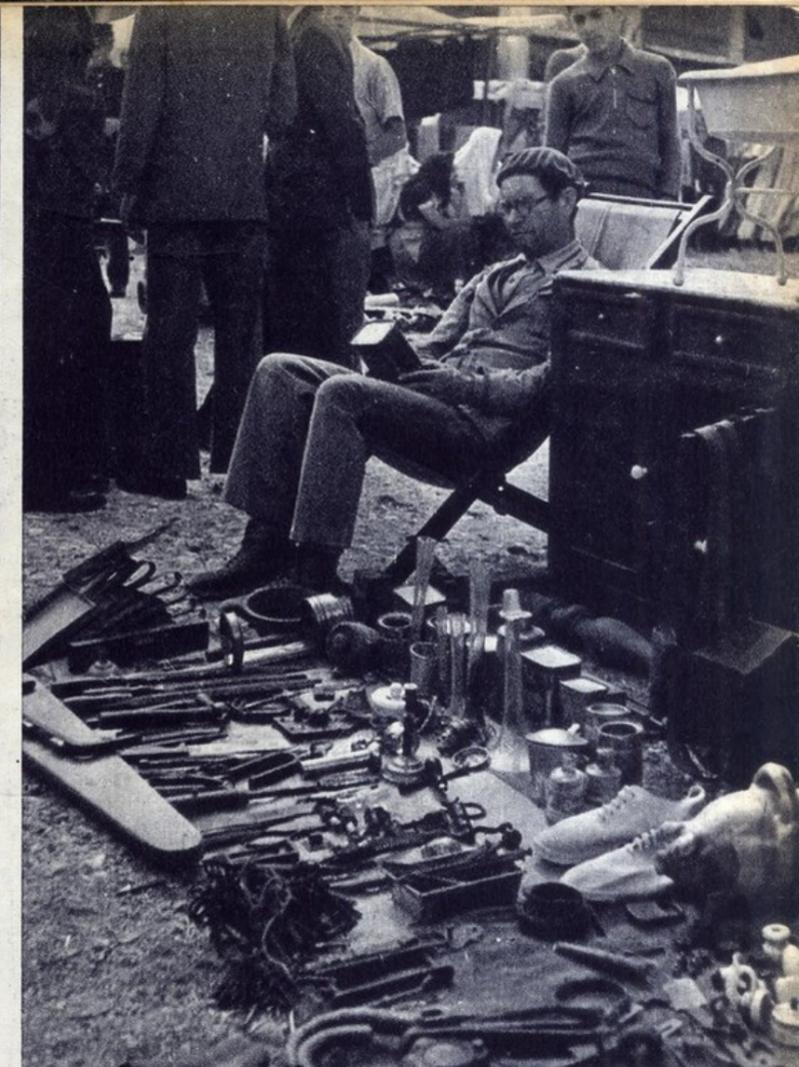
Sob a enforia da luz os corpos estendem-se na areia fúlvua, namorando outra vez a alegria voluptuosa do mar



Um bom retalho de fazenda para um fato. Não quiere comprar? Pois não encontra mais barato em parte alguma



Os estudantes dão uma volta pela feira. Há livros de estudo mais em conta com que outros já obtiveram boas notas



LISBOA PITORESCA

REZAM velhas crónicas esquecidas, que a «Feira da Ladra», remonta a recuadas eras; pois há referências da sua existência no reinado de Afonso III. De então para cá, pode dizer-se, o «mercado» estabeleceu poiso em quasi todos os lugares da cidade. Esteve no Chão da Feira, ao Castelo; nas portas de Valverde, à Alegria; no Campo de Santana, na Bemposta, na Ribeira Velha, junto ao Paço da Ribeira, no Passeio Público, e

ficou-se por agora no Campo de Santa Clara. Escrevemos, propositadamente, «por agora», porque, — quem sabe? — talvez os evocadores de tradições venham mais tarde, se a feira persistir, decorridos séculos, a descrevê-la instalada em qualquer «Avenida Novas». Pode assim suceder. Nós assim o pensamos — e o leitor talvez esteja de acôrdo connôco — que as «avenidas novas» hão-de parecer velhissimas aos vindouros...

Não disse o poeta: *ceci tua celd?*

E como a Feira da Ladra é mais uma tradição lisboeta de que uma necessidade comercial, é de crer que ela ainda teime em existir nos tempos dos nossos netos. A's vezes, uma tradição é mais difícil de derrubar que uma montanha.

A Feira da Ladra, tal como agora a podemos observar, ainda constitui espectáculo digno de ver-se. Não oferece apenas um aspecto. E' um

quadro múltiplice; renova-se de minuto a minuto. E' uma diversidade de coisas a pretenderem uniformizar-se no conjunto... um aglomerado de objectos e pessoas onde a pormenorização se perde. E', enfim, um montão de coisas inúteis que todos procuram pela sua utilidade...

Ninguém melhor a julga de que o povo que, quando alude a aparências díspares, costu-

(Continua na pág. 30)

Pedalou umas tantas léguas para vir à feira. Faltava-lhe a campainha no portão da quinta.



Um globo terráqueo que serve para o Antonito que anda no primeiro ano do liceu



«Bonets» de tôdas as côres e de todos os feitios para tôdñs as cabeças. Parece que o negócio não tem corrido mal



Há de tudo na Feira da Ladra. Até má-lingua. De que falarão as feirantes? Talvez das vendas do dia, que, parece, não foram más de todo



Um negociante que percebe de todos os gêneros de negócio

Trocou a loja elegante da Baixa, pelos «lugares» da feira

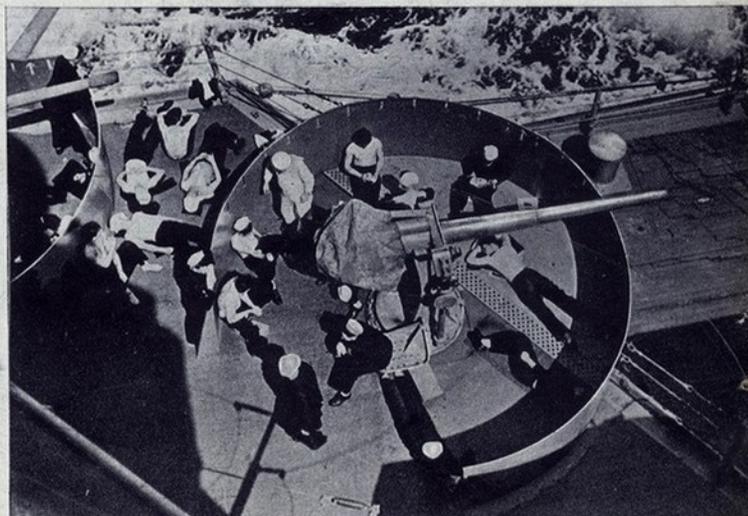
A U.S.A. DOMINA O PACIFICO



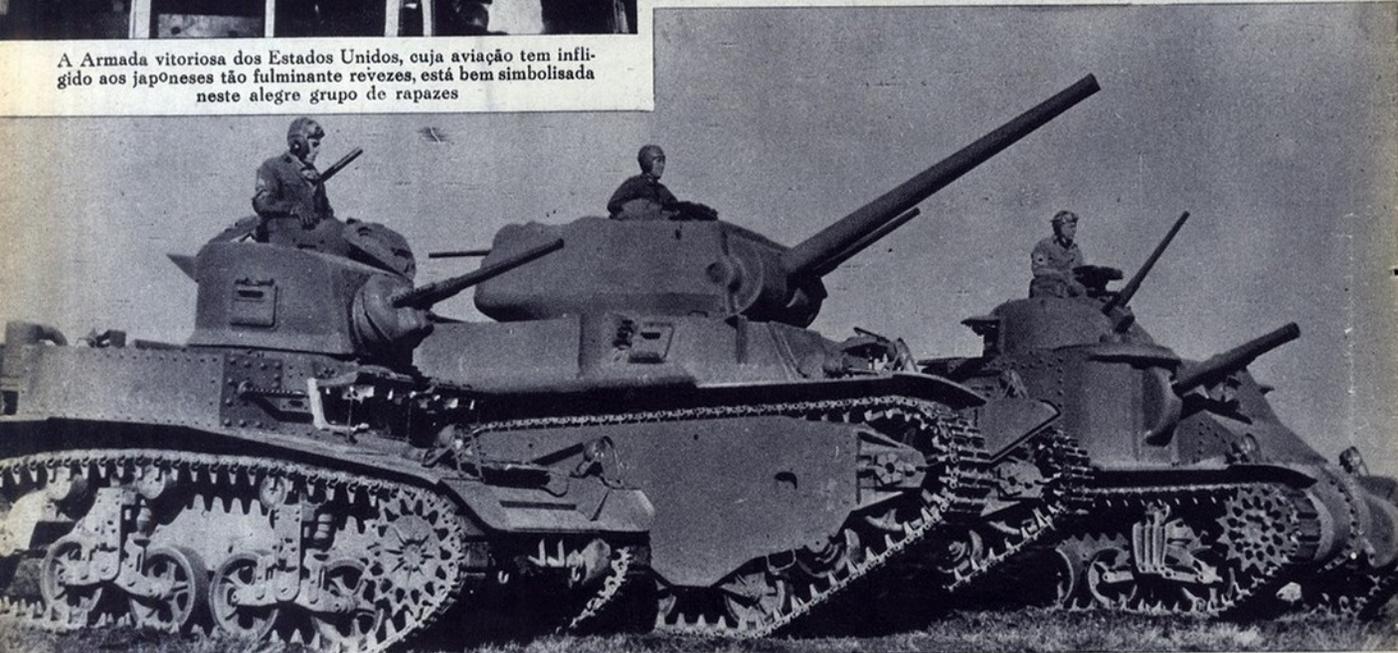
A Armada vitoriosa dos Estados Unidos, cuja aviação tem infligido aos japoneses tão fulminante reveses, está bem simbolizada neste alegre grupo de rapazes



As ocupações transitórias do Japão no Extremo Oriente encontram sempre estas terríveis destruições dos poços petrolíferos. Eis uma uma visão grandiosa dum incêndio num depósito de petróleo em Burma, realizado pelos ingleses



Entre dois combates. Um couraçado da vitoriosa esquadra americana que varreu do Pacífico as frotas dos nipônicos



Os Estados Unidos estão produzindo aos milhares estes monstros de ferro de 57, 30 e 13,5 toneladas, super-couraçados e armados, cuja eficiência táctica é superior a todos construídos pela indústria de guerra inimiga

O CEMITÉRIO DOS AVIÕES ALEMÃES

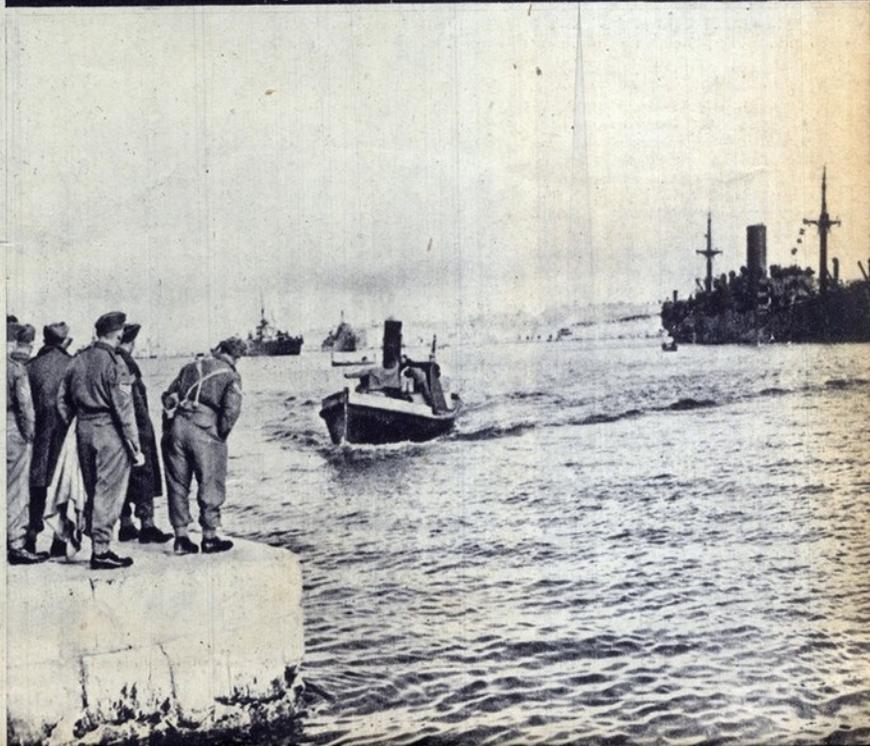


Malta é um baluarte inexpugnável. A ilha está cheia de centenas de carcassas de aviões inimigos, que já ali fizeram três mil raids, recebidos pelo fogo destas anti-aéreas que têm sido extraordinariamente eficazes

O Rei Jorge de Inglaterra condecorou com a "Georges Cross" a heroica população da ilha de Malta. É com alegria e a afirmação de resistirem sempre ao inimigo, que o povo lê a calorosa mensagem do monarca inglês

A vida em La Valetta faz-se como antes da guerra. Mesmo durante os ataques aéreos do "eixo" a população não deixa de sair. Durante um raid, um habitante atravessa a rua com este curioso abrigo contra os estilhaços

O domínio do Mediterrâneo continua na posse da Inglaterra, agora auxiliada pelas magnificas formações aéreas dos Estados Unidos, combatendo ao lado da R. A. F. Mais um comboio inglês com tropas que chega a Malta



PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

O QUE SE VÊ E O QUE SE DEVE PREFERIR

Num vestido de *imprimé*, cujo fundo seja negro, as senhoras nutridas poderão colocar uma larga barra preta, lisa, que vá do seio abaixo da anca. É moda e adelgaça.

— No verão, é imprescindível o casaco branco.

— O fôlho que se coloca em baixo, a terminar a saia, pode ser usado por tôdas as senhoras. Uma saia com três ou quatro folhos, é mais difícil: só às altas é permitida.

— Quando se tem que misturar tecido estampado com liso, o primeiro empregar-se-á na saia.

— As saias com alças dão mocidade. Variando as blusas dão diversidade.

— Não se vai pôr precisamente o chaile de Cachemira, mas fazer com êle um vestido cujo corpo seja em *georgette* com incrustações dos seus desenhos e a saia completa — é uma idéia.

— A blusa da manhã será em seda lavável, popeline, *shantung*, às riscas.

A de tarde, em crepe de pintas, estampado, *georgette* com renda.

A de noite, em Malines, setim, *lamé*, tafetá lacado. E com aba.

— Os chapéus continuam a usar-se postos para a frente. Mas são mais importantes: palpita-nos que no próximo inverno se usarão volumosos — para não dizer monumentais.



A' DONA DE CASA

Pode ser preciso medir liquidos em casa. E como, geralmente, não há medidas, e como quasi todos os copos têm, mais ou menos, a mesma capacidade, aqui damos algumas indicações sobre o assunto:

— Um copo de água: 2 decilitros.

— Um de vinho: 10 a 12 centilitros.

— Um copo de Madeira: 7 centilitros.

— A flûte de champanhe: 12 centilitros e melo — a taça, 15.

— O copo de licôr: 2 centilitros e melo.

— Um litro contém 5 copos de água.

— Uma chávena de café, 15 centilitros e, a de chá, 18.



Projecto de um sala-casaco para o Verão de 1942, em cuja simplicidade utilitária não deixa de haver distincção. Qualquer dos sapatos que se vê na vitrine completa a toilette

COMO ESQUECÊ-LO ?

- Rasgar tôdas as cartas e retratos ou dêle ou nos grupos. Dar ou trocar tôdas as prendas.
- Fazer um vestido novo.
- Estando só, dizer o seu nome muitas vezes, a-fim-de o tornar tão banal como qualquer outro.
- Evitar ver filmes passionais.
- Não ler romances mas sim viagens e aventuras.
- Nunca estar só, ao crepúsculo.

CASA QUEY

MEIAS — STOKINGS — BAS

VER-O-FIL
OUT SIZES

Maison Française

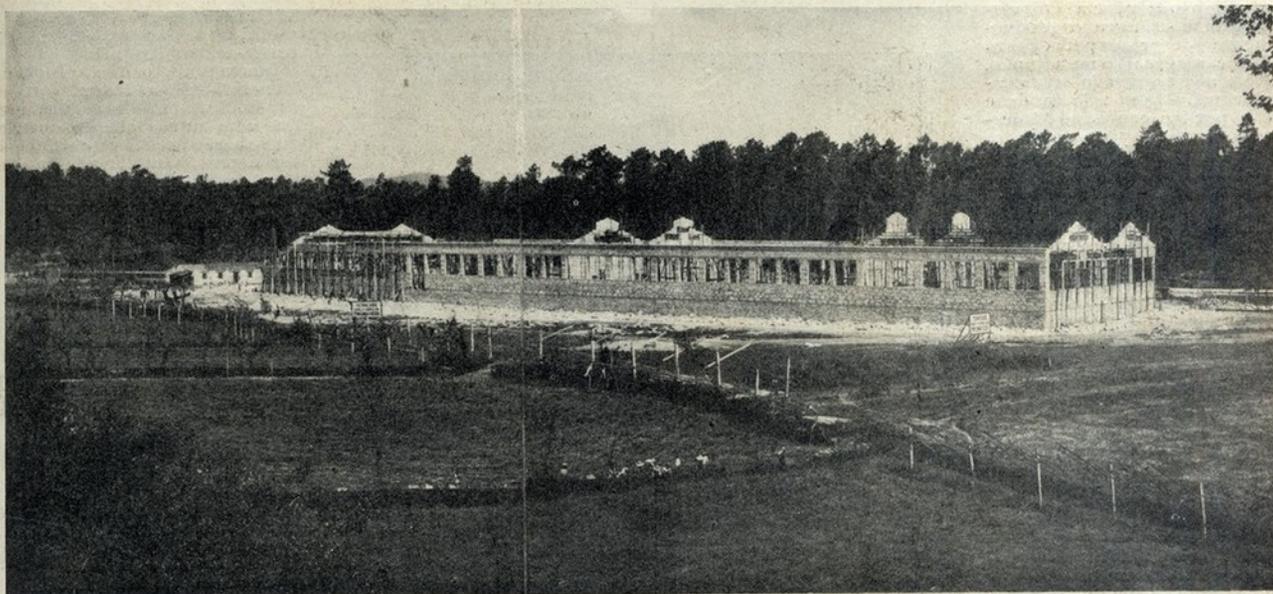
RUA SERPA PINTO, 18



A guerra revolucionou a moda. Já não se usam vestidos de um só tecido, mas de vários, verdadeiras retalhos com que se fazem estes conjuntos, cheios de elegância

UM GRANDE PROBLEMA NACIONAL EM VIA DE SOLUÇÃO

PNEUS PORTUGUESES



A CAMPANHA DE LESTE

por CARLOS FERRÃO

A nova ofensiva na frente leste foi desencadeada em 8 de Maio. Vão, portanto, decorridos cerca de dois meses desde o seu início. Os episódios principais desta fase de operações foram, até agora, a ocupação do resto da península de Kerch pelos alemães, a ofensiva de Timochenko e a contra-ofensiva de von Bock no sector de Kharkov e o cerco de Sebastopol. Trata-se, evidentemente, das manobras preparatórias. O sentido das concentrações realizadas tanto no sector de Kharkov como a leste de Taganrog não deixam, a esse respeito, margem para dúvidas.

A simples inspecção do mapa demonstra que qualquer operação de grande envergadura tentada contra o Cáucaso tem de partir do norte desta península; a acção desencadeada desde Kerch é subsidiária da acção principal e visa a enfrentar a resistência que os russos vierem a opôr na linha fortificada Rostov-Astrakhan, que se apoia na primeira destas cidades que é hoje uma importante praça forte. Tratar-se-ia nesse caso,

duma acção idêntica à que foi executada contra a Maginot depois desta ter sido ultrapassada com a rotura da frente do Mosa. Quere isto dizer que enquanto as operações a desencadear do lado norte teriam de ser apoiadas em poderosos meios materiais e contingentes avultados, a acção a desencadear desde Kerch tem de ser confiada a tropas especializadas: pontoneiros, paraquedistas etc. Do lado russo as precauções tomadas indicam claramente que o efeito da surpresa, segundo os métodos tradicionais de Werhsmacht, se não produzirá com a intensidade verificada em campanhas anteriores.

Que pode acontecer se a manobra conjugada, em Rostov e em Kerch der resultado?

A partir desse momento, as dificuldades longe de terem desaparecido, apresentam-se de solução delicada. E ao sul de Taman que se estende a cordilheira transoceânica que é necessário vencer para atingir os poços petrolíferos do sul. Na conflagração de 1914-18 os alemães estavam aliados com os turcos, fizeram por

★ Edifícios em construção para a nova fábrica, da Manufatura Nacional de Borracha, concessionária da indústria de pneus em Portugal, tais como se encontravam no princípio do mês passado. As obras podem já considerar-se, neste momento, concluídas, aguardando-se apenas a maquinaria já paga e pronta para embarcar desde há muitas semanas, nos Estados Unidos. O governo está tratando, com todo o interesse, de obter a licença de exportação do governo americano, como se está solícitamente ocupando, também, da garantia do fornecimento de borracha colonial e das restantes matérias primas à nova indústria, para logo que possa iniciar a laboração, o que se espera possa ainda fazer-se até ao princípio do próximo ano

mais duma vez, a campanha do Cáucaso. A direcção do ataque, extraordinariamente facilitado pela aliança com a Turquia, era oposta à que hoje será necessário seguir. Exercitava-se do sul para o norte. Uma vez dominadas as praças fortes estabelecidas ao sul do Cáucaso, a penetração na Georgia e na Transcaucásia era fácil. Apesar-disso os resultados obtidos foram pouco compensadores. Só quando a revolução de 1917 desorganizou os exércitos do czar foi possível conseguir alguma coisa. As memórias dum dos mais categorizados chefes militares alemães dessa época, o general Liman von Sanders, chefe da missão militar alemã na Turquia, são elucidativas e dão bem nota das importâncias e da extensão dos obstáculos que se estendem entre o curso do Don e o Próximo Oriente.

São os recursos nazis bastantes para dominar a resistência dos russos, as dificuldades do terreno e os inconvenientes do clima? A verdade é que nenhum dos adversários alimenta ilusões quanto às dificuldades de que se reveste a Campanha do Cáucaso.

C. F.

NEOGRAVURA, L. DA

A única Empresa que em Portugal trabalha em heliogravura e onde se executa o Mundo Gráfico

Travessa da Oliveira (à Estrêla), 4 a 10
Telefone 64426 — LISBOA

AZULEJOS e faianças artísticas
género antigo

FÁBRICA SANTANA

Rua do Alecrim, 91-97/Telef. 22537-81592/LISBOA

“AINDA hoje não posso ouvir falar com severidade das pessoas levianas» — dizia aquele meu amigo, de quem reproduzo as palavras e a história que lhe ouvi contar. — Perdão. Eu não defendo a levandade. Acho que se devia ter pena, já não digo indulgência! O leviano é uma criatura excessivamente despreocupada, confiante, alegre. E o mundo não. Mostra-se reservado, triste implacável. Assim a levandade está por êle condenada à derrota, a uma espécie de alegre suicídio.

Não faço filosofia, amigos. Não sou filósofo. Falo assim porque me lembro da Bibi. Conheci-a nesses anos em que a nossa vida se confunde com a futilidade para as pessoas maduras. A Bibi fazia parte do meu grupo de rapaziada. Ainda se mantinha o mais rapaz de todos nós na idade em que os mocinhos começam a dançar. Já não se trata da quadra exultante da vida. Começamos a preocupar-nos com o traje, com o penteado e alguns aborrecimentos mais. Então pareceu-nos que a Bibi se ria demasiado, por vezes a despropósito. Nunca tivera mão no seu riso quando só pudéramos rir à sucapa, contidamente. Depois achámos estúpido que, passados dias sobre uma reunião pândega em que deversos lhe sentíramos a ausência, ela nos aparecesse risonha, os gestos e as meninas dos olhos a bailar :

— Não pude aparecer. A minha mãe não me deixou!

E não nos explicava a sua falta de pena a razão de não ter sido penitência de castigo. A família desmerecera, por inútil, castigá-la. Não que Bibi fosse incorrigível, mas nada lhe fazia mossá. Era o que ainda a expunha heróica a nossos olhos.

Mas ia-se tornando irritante para quem lhe confiava o motivo de se ter indisposto com alguém. Bibi, que não era desmancha-prazeres, achava pilhéria aos próprios mexericos, às intrigas, às ofensas. Mesmo quando a alvejavam.

Eu dava-lhe razão, não podia ouvir dizer quando ela aparecia como um pé-de-vento :

— Lá vem aquela com o seu risinho alvar!

Sua mãe, uma senhora calma e gorda, lamentava constantemente às outras senhoras :

— A minha filha parece que foi feita a rir. Chega a tornar-se impossível.

Quando a Bibi era tão divertida, tão simpática para toda a gente! E que sua mãe e outras senhoras achassem o contrário, estava certo. Agora nós, com sangue na guelra! Tanto mais que Bibi estava a fazer-se uma rapariga interessante mesmo à parte a sua alegria esufiante, o bulício dos seus olhos, côr de céu, e dos seus gestos engraçados. Tinha dois pequeninos seios a amanhecer, vivava a rosa as suas faces risonhas, pintava na boca um coraçõzinho encarnado, entreabrindo-se na luminosa brancura dos seus finos dentes. Nos bailes eu tinha de estar alerta, tal era o corropio de pares que iam tirá-la para dançar. Bibi acertava lindamente, chegando-se a nós, contente, leve nos nossos braços, como pluma, gostosa de se levar no encanto de qualquer música.

Bibi nunca estava comprometida para a próxima dança. Era escusado pedir-lhe

A MENINA FÚTIL

NOVELA DE ALEIXO RIBEIRO



Tomámos um banho demorado e divertido como nunca

compromisso. Esquecia-se, ia dançar com quem primeiro lhe aparecia. E a disputa com os seus inúmeros pares foi a primeira luta que travei com o mundo por causa dela.

O nosso grupo começava a repartir-se em namoros. Nos bailes havia pares permanentes, que ficavam juntos no intervalo das danças, assim tomavam o chá ou a ceia, contemplavam-se de longe no cinema, apareciam com as mamãs na Baixa. Só Bibi continuava rodeada de pares. Pouco a pouco, uns iam desaparecendo do seu pé, mas vinham outros. Soube-se de desavenças. Mas Bibi falava e ria-se com todos. O seu telefone estava sempre impedido. Eu sabia as vezes que tinha de ligar para casa dela!

Um dia o Manelinho Alves deu mostras de querer provocar-me. Fitei-o cara a cara e perguntei-lhe o que desejava de mim. Ele falou-me vagamente da Bibi. Disse-lhe que eu ainda não me tinha declarado, e se êle se dispunha a bater-se com uma multidão? Depois soube que o Manelinho era o gosto da mãe dela. Eu era dos mais antigos e permanentes no seu círculo. E sucedeu-me com o Alves o que já me sucedera com outros: Chegámos ao mesmo

tempo a tirá-la para dançar, e fui eu o preferido. Talvez por antiguidade. Porque já me sucedera ver-me preferido em circunstâncias. Daquela vez com o Manelinho Alves, satisfez-me que o gosto de sua mãe não tivesse influência em Bibi. Não que ela fosse filha desobediente. Bastava a mamã proibi-la de dançar, e Bibi divertia-se de outro modo.

Entretanto, o certo é que Manelinho Alves bateu em retirada. Sucedera-lhe o mesmo que com outros «declarados», que ela não desanimava, a não ser depois, sem dar por isso. Mas então chegara a minha vez. Eu era, depois de Bibi, o mais divertido do grupo, e ofereceu-se-me uma oportunidade. Tentei-a por isso, e também porque ela tinha de escolher um para não ficar solteira. A oportunidade foi a de nos encontrarmos ao começo do verão, naquela praia onde todos os anos vareneávamos.

Estava ainda tão pouca gente conhecida que nos pudemos entregar só um ao outro, demos longos passeios juntos. Sua mãe, a gorduxa senhora, ficava debaixo do toldo, e só nos acompanhava a perceptora de Bibi, uma miss loira, excessivamente magra e de grossa luneta, sempre a ler, embevecida, ou extasiada romanticamente com o mar. Nós estiracávamo-nos na areia e conversávamos. Inesperadamente perguntei-lhe :

— Tencionas casar Bibi, como toda a gente?...

— Pois...

— Eu também, naturalmente!...

E pus-me a fazer uma covinha na areia :

— Olha lá; se nós nos casármos?... Daqui a uns anos, é claro! — acrescentei logo. E encarei com ela :

— Fixe, ou não?

— Fixe!

Bibi sorria-me contente. Depois avistou o vôo duma gaiota que era um pouco de espuma revoadando ao vento.

Tomel-lhe a mão, apertei-a docemente :

— Não tenciono prender-te muito, desde já. Conheço o teu feitio.

Mas a gente continua a passear e a conversar sobre

isso. Valeu?

— Valeu!

Espiei a Miss, que estava embebida, com a sua grossa luneta, nas páginas dum livro, e beijei Bibi, na boca, com vagar e delícia, como quem chupa um rebuçado.

— Agora vamos tomar banho?

— Sim.

Tomámos um banho demorado e divertido como nunca. Passámos juntos a tarde inteira e, à noite, dançámos tudo que se tocou no Casino.

Os dias que se sucederam foram deliciosamente iguais com o o mesmo passeio logo, e ao fim um beijo, à margem da leitura e do êxtase da magra e loira miss, caixa-de-óculos e romântica.

Mas a praia foi-se povoando, começaram a aparecer os conhecidos. E Bibi deu-se a repartir a sua alegria por todos, como um pacote de gozozimas que vai de mão em mão. Cada qual se servia dela a seu bel prazer.

Vinha um pedir-lhe :

— Bibi, vamos tomar banho às onze.

E outro :

— Bibi, joga comigo o ténis às três.

E outros :

A MENINA FÚTIL

— Bibi, às cinco na esplanada.

— Bibi, esta noite o primeiro «fox» é para mim.

Ela ia acedendo, distribuindo-se, com o mesmo pleno agrado.

Foi-me impossível lutar contra a invasão. Presenti que sucedia comigo o mesmo que com outros declarados, aceites e esquecidos. Eu limitava-me a tomar no seu dia o meu quinhão. Nessa parcela de tempo recordava-lhe os nossos compromissos e Bibi continuava a dizer-me que sim.

Pensei guardar para o inverno o começo definitivo do nosso namôro. Ali, na praia, era impossível. Depois eu aparecia na Baixa com ela e a gorda mamã. Isto em público; discretamente namorávamos-nos de janela.

Mas comecei a desconfiar do Zeca Vieira. Este tornava-se exigente nos seus pedidos à Bibi, ia apertando-lhe um cerco que eu deixara folgar. Era evidente que pretendia açambarcá-la. Mas não me zanguei logo com ela, e ainda menos com êle. Lembrava-me da triste figura que Manelinho Alves já fizera diante de mim. Dei-me só a espiá-la com o Zeca Vieira. E, uma manhã, vi-os distanciarem-se pela praia, e perderem-se de vista. Era certo que os seguia a magra e loira miss, mas com a sua grossa luneta, os seus êxtases e o seu livro!

Não procurei surpreendê-los. Não fui pedir satisfações ao Vieira. Reparei só que Bibi voltava radiante do seu passeio com êle.

Mas o meu desdém pelo

riso, a leviandade da Bibi, soava-me falso. Bem via que Zeca Vieira ou qualquer outro não conseguiriam dela mais que eu conseguira. E sentia-se triste com a alegria da Bibi. Mais que das palavras de sua mãe: «A minha filha parece que foi feita a rir. Chega a tornar-se impossível!» recordava-me da sua solene tristeza. A nutrida senhora tinha razão. Eu concordei com ela. Bibi não era só a fútil que esbanjava a sua alegria, mas ainda a menina que não sabia dizer que não a ninguém.

Ignoro o que senti, mas di-rei tudo confessando que, mesmo sem mais pretendentes, eu não casaria com a Bibi. Então deu-se uma fatalidade por mim esperada. Bibi teve de assistir no mesmo dia a uma caldelrada, um pic-nic, um chá e uma ceia, e apanhou uma infecção intestinal. E' pro-salco, mas foi verdade. E mais: tôda a gente a lamentou. Eu informava-me todos os dias pelo telefone e por pessoas suas íntimas que iam visitá-la, soube que ela estava gravemente enferma, mas continuava irrequieten, alegre, como sempre. A mãe via-se em transe com o seu desassossegô, ralhando com ela a todo o momento.

Um dia em que a vira mais alvoraçada e cheia de febre, teve de verberar-lhe âsperamente:

— Ora tu não farias melhor se sossegasses de vez, dormisses em paz!

— Sim, mãezinha...

E, condescendente, satisfeita, Bibi adormeceu para sempre.

HISTÓRIA DA GUERRA

O mais completo documentário do actual conflito mundial

A' maneira que vão aparecendo os fascículos que comporão esta notável obra, surgem as revelações até agora na ignorância do público e que vêm esclarecer factos que muito contribuirão para o elucidar:

NO 1.º FASCÍCULO ENCONTRA-SE:

No capítulo consagrado ao Acôrdo de Munich:

A noite dramática de Hradtschin;
Uma reunião em casa do banqueiro Preiss;
A nota Vansittart.

No capítulo dedicado à Questão Polaca:

O partido da guerra e o partido da paz na França e na Gran-Bretanha;
A parada de 14 de Julho e as suas consequências;
A acção do alto-comissário Burckardt.

No capítulo relativo ao Pacto Germano-Russo:

A queda de Litvinov;
Porque se malograram as negociações do grupo franco-britânico com a U. R. S. S.;
O que se passou com a mediação italiana.

NO 2.º FASCÍCULO

No capítulo sobre a campanha da Polónia:

Como foi vencida a resistência de Varsovia;
As conversações de Brest-Litovsk e o acôrdo de Moscovo;
As iniciativas alemãs de paz.

No capítulo sobre a guerra da Finlândia:

O segredo da reacção finlandesa;
A rotura da linha Mannerheim;
A rivalidade germano-russa na Finlândia.

No capítulo sobre a ocupação da Noruega:

O último dialogo do soberano norueguês com o ministro do Reich;
A acção dos partidários do Quisling;
A batalha naval dispersa.

A parte fotográfica é igualmente constituída por muitos aspectos inéditos de flagrante oportunidade



No 3.º fascículo a sair «A DERROTA DA FRANÇA»

HISTÓRIA DA GUERRA

que despertou um interêsse estrondoso em todo o País, continua recebendo diariamente inúmeras inscrições de assinatura

Fascículo a fascículo 10\$00

Obra completa, 12 fascículos 100\$00

(Pagamento adiantado)

Assina-se em todas as livrarias do País

Pedidos à EDITORIAL «SÉCULO»

RUA DO SÉCULO, 63



A MÁQUINA DE ESCREVER MAIS PORTÁTIL DO MUNDO!

Construção suíça de alta precisão

DISTRIBUIDORES:

SUL: M. SIMÕES JR., Rua da Concelção 46. 1.º. E. - Telefone 21672 - LISBOA
NORTE: ARAUJO & SOBRINHO. SUCRS.. Largo S. Domingos 50 e Filial, Rua dos Clérigos 8. Telefones 235 e 2352 - PORTO

DIA E NOITE...

Os inegaláveis cremes de beleza

Rainha da Hungria

velarão pela Mocidade da sua pele!

Elogios... para quê?

Basta dizer que são produtos

M. ME CAMPOS



M. ME CAMPOS

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

LISBOA - RIO DE JANEIRO

Uma RECEITA DE FLORES

Conserva A FRESCURA da PELE



Acaba com AS SARDAS

Visitando as regiões onde são fabricados os perfumes e onde as mulheres de todas as idades estão constantemente expostas ao Sol, ao vento e à chuva, fiquei surpreendida com a frescura, a brancura e a beleza juvenil da sua pele. Depois de me ter informado, soube que ao colherem flores, elas descobriram que a cêra delicada contida no seu cálice possuía o poder maravilhoso de branquear e amaciar a pele. O seu emprêgo quotidiano suprime todas as imperfeições do rosto e dá à cara um aveludado e uma apêrência juvenis.

Pode-se encontrar agora esta cêra mágica de flores nas farmácias, sob o nome de Cire Aseptine. Quando se aplica à noite, antes do deitar, ela dissolve as partículas sêcas, mortas, da pele e suprime as manchas. De manhã, revela-se a nova pele fresca e branca insuspeita até então. Nenhuma receita mais simples e, no entanto, mais maravilhosa, tinha sido encontrada até hoje. Experimente a Cire Aseptine esta noite e observe o seu efeito surpreendente. O preço não é exorbitante. Eu emprego também a Cire Aseptine regularmente no meu pescoço, braços e mãos, a fim de não contrastarem muito com a brancura do meu rosto.

A venda nas farmácias e perfumarias. Não encontrando, dirija-se à Agência Aseptine, 88-Rua da Assunção, Lisboa, que atende na volta do correio.

FEIRA DA LADRA

(Cont. da pág. 23)

ma sentenciar: — «Parece a Feira da Ladras».

Tôdas as pessoas que ali foram, e vão, um desejo sômente as prende: mercadejar. Noutros tempos iriam em busca de velhos gibões, de escarpins, de coxins orientais, de porcelanas da China, de pedras trazidas da Índia. Hoje, ainda certos colecionadores lá vão em busca de objectos que há muito desapareceram dos lugares públicos: um quadrito do século XVII, uma faiança de Utrech, um prato Rato, uma preciosidade bibliográfica. Cremos, no entanto, que essas coisas não serão ali vulgares.

Muitas vezes é à vista de qualquer objecto esquecido que surge a necessidade da compra. E então comentam de si para si: «Esta moldura velha ajusta-se perfeitamente àquela gravurazita que lá tenho em casa...»

Mas no fundo êses obscuros mourejadores que angenciam a vida comprando e vendendo coisas velhas, são uns miseros diabos simpáticos e pobres — tão pobres como os seus haveres que compram as velharias, os pratos esbelçados, os farrapos desbotados.

A Polónia na guerra

(Cont. da pág. 19)

1940, são dos mais admirados pela sua temeridade e valentia.

Os soldados da Polónia, herdeiros da tradição magnífica dos heróis da Independência Nacional, estão neste momento no solo da Gran-Bretanha e na frente Leste, no Próximo Oriente e no Norte de Africa. As suas proezas são unanimemente reconhecidas e apreciadas. Entretanto, nem um momento a Polónia deixou de manifestar, de maneira inequívoca, a sua decisão inabalável de recuperar a independência perdida. Sem ela a Europa ficaria incompleta. A sua restauração aspiram não apenas os que nasceram em solo polaco mas os que desejam ver definitivamente banidas as causas da perturbação que periódicamente causam ao mundo os horrores da guerra.

O casamento de D. Catarina de Bragança

(Continuação da pág. 4)

mão dera várias vezes provas de maior amor a Portugal do que muitos portugueses e não hesitava em assinar o acôrdo.

Eis um dos seus trechos: «Que em consideração de tantas vantagens, como a Inglaterra recebia no casamento da Rainha, prometia e declarava com consentimento do seu Conselho, trazer sempre no intimo do coração as conveniências de Portugal e de todos os seus domínios, defendendo-o de seus inimigos com as maiores forças do seu reino assim por mar como por terra, como a mesma Inglaterra.»

O pactuado tinha grande retumbância na Europa. Ficava-se sabendo que a Espanha não venceria. Portugal podia contar com a Aliada e as possessões ultramarinas, se de mar se tornassem alvos das tentações encontrariam a sua defesa nas poderosas armadas britânicas. Ao mesmo tempo, mandava tropas que tomariam parte nos combates das fronteiras. Prometia assistir a Portugal com dez navios de guerra, os de maior força e mais aparelhados da sua armada tôdas as vezes que fôsse invadido de quaisquer Nações: e que sendo infestadas as costas de piratas mandaria, todos os anos, tres ou quatro naus de guerra com mantimentos para oito meses»

afim-de ajudarem os navios do aliado.

Alem de tudo «a Inglaterra nunca faria paz com Castela, que lhe pudesse directa ou indirectamente ser minimo impedimento a dar a Portugal pleno e inteiro socorro para a sua necessaria defesa». Acrescentava-se: «nem se desculpava jamais de fazer tudo o que preciso fosse para ajuda de Portugal».

Tais foram algumas das bases desse entendimento que tanto serviu na guerra da Restauração.

R. M.

Manhã de Sol

(Continuação da pág. 21)

essas doiradas veranias do Atlântico.

Nestã vida de praia, que pouco mais dura que a espuma das ondas, e a saúde atinga, porém, como que a sua plenitude e, por isso mesmo, não se encontram rostos tristes nem gestos doentios. Tudo é franco, sincero, como o sol e o mar. A própria realidade está consagrada de sonho, de felicidade, como aquele barquito de velas brancas que vai a fugir para a linha do horizonte. As horas escorrem tôdas do relógio das alegres expansões. Apenas de noite, quando o luar vem pincelar a praia deserta, a canção do mar, na rambole das ninfas que o sol lhe enviou durante o dia, tem arrastados gemidos de sultão...

MÁQUINA DE ESCREVER NÃO ERA CONHECIDA ATÉ QUE EM 1873

Remington

CONSTRUIU A PRIMEIRA

Máquinas
Comerciais
Portáteis
Somar
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO COM PESSOAL ESPECIALIZADO

Ficheiros **KARDEX** e Arquivos

LISBOA

PORTO

R. da Misericórdia, 20-1.º

R. Sá da Bandeira, 69-2.º

Telefones: 2 1802 - 2 1803

Telefone: 1 276



Quando sentir
Dores de Estômago

RENNIE ACTUA EM
60 SEGUNDOS

Às vezes, a indigestão ataca no momento mais inconveniente, quando se passeia, trabalha ou se viaja. Se usa Rennie, algumas pastilhas Rennie (são embralhadas em papel parafinado) e assim tomam-se onde quer que se encontre.

Rennie tem gosto agradável, chupa-se como bombons. Ao mesmo tempo que se dissolve na boca, os seus 15 ingredientes atacam a indigestão. Neutralizam a acidez causada pela acidez, aliviam a dor, fazem desaparecer a flatulência e o mal estar.

Bastam 80 segundos para a Rennie acabar com o mais forte ataque de indigestão pois chega ao estômago com toda a sua força, sem diluições pela água.

Rennie tem dado alívios a pessoas que sofreram durante anos. 1198 médicos usam e recomendam estas pastilhas aos seus doentes.

Experimente Rennie imediatamente.

Compre um pacote em qualquer farmácia ainda hoje.

INSTANTÂNEOS BIOGRÁFICOS

LAWRENCE OLIVIER

Lawrence Olivier nasceu no dia 22 de Maio de 1907, em Dorking. Tem cabelos e olhos castanhos. Princiou os seus estudos na «St. Edwards Schwols», de Oxford. Em 1922 estreia-se em Stratford-on-avon, como actor, no «Shakespeare Festival Theatre». A sua aparição no cinema fez-se em «The Temporary Widows», que lhe valeu um contrato para Hollywood, onde interpretou, entre outros filmes, «The Yellow Tickets» e «Friends And Lovers».

Os seus maiores êxitos são: «O Divórcio de Lady X», «Rebecca», «21 Days», «Desapareceu um Bombardeiro» e «O Monte dos Vendavais».

E' casado com Vivien Leigh.



Spencer Tracy, Lana Turner e Donald Crisp, numa cena da nova edição de «O médico e o monstro»

CINEMA

“HISTÓRIA DUMA CASACA”

OS artistas ingleses que se encontram em Hollywood, e aos quais as contingências da guerra forçaram a um temporário afastamento dos estúdios pátrios, continuam a trabalhar através da tela, cada vez com maior entusiasmo, pela união fraterna de dois povos que se ergueram, num milagre de fé, pelo triunfo duma causa que congrega, em bases inabaláveis, a nova ordem espiritual de Amanhã. Pela sua propaganda e completa vitória de todos os objectivos em debate, velam todos, eles e os seus irmãos de língua, dentro dos estúdios da Califórnia, produzindo, realizando e interpretando filmes que, pela sua idiosincracia, representam a expressão viva do génio criador duma comunidade a quem Deus, para alegria dos crentes, legou a guarda dos mais sagrados patrimónios humildes...

Pela primeira vez, na história do cinema, assistiremos dentro da mesma obra, ao desfile das maiores celebridades da tela britânica, de braço dado com alguns dos mais cotados artistas americanos e franceses, como Charles Boyer e Victor Francen. Entre os primeiros contam-se Charles Laughton, Jessie Matheus, Ronald Colman, Anna Lee, Ray Milland, Anna Neagle, Victor Mac Laglen e outros. O filme intitula-se «Tales of Manhattan» e é realizado no mesmo estilo duma inesquecível maravilha da Paramount, que foi exibida entre nós com o título «Se eu tivesse um milhão...»

O assunto — que se reveste dum sentido de crítica mordente a males que não advém de pessoas mas de posições, de leis, de convenções e de preconceitos que elas são obrigadas a manter — tem a particularidade de nos desdobrar, em seis episódios diferentes, a história duma casaca que, depois de passar de mão em mão, desde o milionário até a um pobre negro de Harlem que trabalha num campo, acaba por vestir um espantalho...

No primeiro episódio participam Charles Boyer, Rita Hayworth e Thomas Mitchell. O segundo ainda não tem intérpretes escolhidos. O terceiro, um dos mais poderosos de sugestão dramática, será desempenhado por Charles Laughton, Elsa Lanchester e Victor Francen. O quarto episódio apresentará Edward G. Robinson numa figura violenta de realismo. O lado alegre do filme, isto é, a comédia propriamente dita, estará presente no quinto episódio, em cujo desempenho participará o grande cómico W. C. Fields. A última seqüência, que terá um carácter absolutamente musical, conta com a actuação de Paul Robeson, Ethel Waters e do popular actor-excêntrico negro, e apreciado bailarino, Rochester.

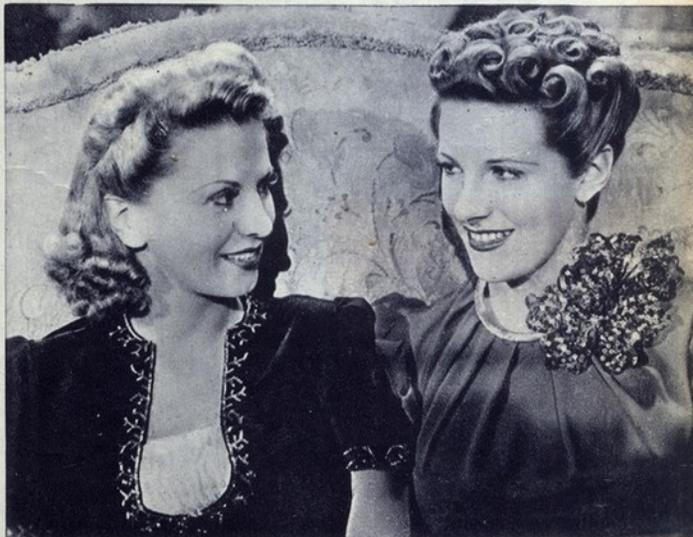
Alguns dos episódios de «Tales of Manhattan» foram extrahidos de peças e histórias de autores célebres; outros foram escritos especialmente para a tela. A sua coordenação, de que resultou a linha geral do argumento, foi confiada a dois peritos neste género de trabalhos: Ben Hecht e Sam Hoffenstein.

A realização está em boas mãos: Julien Duvivier.

António Lourenço



Uma ambulância oferecida pela United Artists à Cruz Vermelha inglesa em homenagem à memória de Carole Lombard



Belle Chrystall e Leonora Corbett, as duas formosas intérpretes do novo filme inglês «Anything to declare»

MUNDO GRÁFICO



Churchill
o homem de ferro
sorri à vitória
que fulgura
nas baionetas
do
Exército
Inglês